

de OB, estas estruturas não podiam ser interpretadas através dos índices anafóricos e era necessário tratá-las de maneira diferente. Vemos na discussão seguinte que (i) a eliminação dos índices anafóricos da teoria em geral nos libera da necessidade de estipular que as estruturas, como nos exemplos 44 e 45, não são interpretáveis pela indexação anafórica; e (ii) esta eliminação facilita a análise das estruturas no pirahã, mencionadas acima.

Em Lasnik (1981) sérias objeções são levantadas contra a proposta de eliminar os índices anafóricos. Na seção 3.3.5.3. tentamos responder a estas objeções na discussão sobre a noção de "indexação livre" (que foi mencionada na citação de Chomsky (1981b), acima).

### 3.3.4.4. Regras de interpretação

Em Chomsky (1977a; 1982b) e outros trabalhos é sugerido que certas estruturas sejam interpretadas por uma regra diferente das regras de interpretação comuns (as chamadas rules of construal; ver seção 3.3.3., acima, para uma discussão desta regra).

Esta chamada "regra de predicação" entra na interpretação de formas topicalizadas, como já vimos brevemente, cláusulas relativas e exemplos como os 44 e 45. Uma regra de predicação toma estas estruturas como sentenças abertas, satisfeitas na forma lógica pela expressão nominal - núcleo.

No exemplo 46, a representação (a) tem a forma lógica (b):

(46) (a) [ o homem ]<sub>i</sub> [ que<sub>j</sub> João viu v<sub>j</sub> ]

(b) [ o homem ]<sub>i</sub> [ que<sub>j</sub> João viu v<sub>j</sub> ]

Ou seja, a regra de predicação identifica os índices referenciais i e j, considerando a sentença 'que<sub>j</sub> João viu v<sub>j</sub>' como uma predicação da expressão nominal 'o homem'<sub>i</sub>.

Através deste tipo de regra conseguimos, a meu ver, um tratamento unificado para uma grande variedade de estruturas, inclusive os exemplos no pirahã (cf. seção 3.3.5.). Ademais, ao eliminar os índices anafóricos, não

No mesmo trabalho em que Chomsky faz esta sugestão, ele mesmo levanta o que parece ser uma série de contraexemplos sérios. Porém, ele sugere que estes contraexemplos podem ser deixados de lado, por enquanto, explorando primeiro as implicações de um sistema mais simples, sem os índices anafóricos.

Uma pergunta óbvia é por que fazer isso? Por que a teoria seria de alguma forma "melhor" sem estes índices? Uma razão notada por Lasnik (1981:50):

"[In GB ] Anaphoric indices are eliminated, obviously, a technical simplification, all else equal..."

Porém, embora esta seja uma razão importante para eliminar os índices anafóricos, não é o mais importante. O sistema de índices anafóricos nos obriga a estipular que certas estruturas são exceções à teoria geral já que elas não poderiam ser interpretadas por índices anafóricos. Por exemplo, mesmo na teoria de OB as cláusulas relativas não podiam ser interpretadas da mesma maneira que outras cláusulas. Era necessário tratar cláusulas relativas como elementos anafóricos para eliminar seus índices anafóricos e ligar o pronome relativo ('who', 'quem' etc.) com a expressão-R ou à cláusula relativa que se refere.

Outras estruturas eram também problemáticas:

(44) Quanto a João, não há muito a dizer sobre ele.

ele = João

Ou o exemplo 45, do inglês:

(45) Who did Mary call an idiot as often as Jane called him a cretin?

him = who

Tanto no exemplo 44, quanto no 45, o pronome 'ele', 'him' é obrigatoriamente coreferencial ao antecedente à sua esquerda. Mas na teoria

parece necessário considerar esta regra de predicação como uma regra especial. Ou seja, esta regra pode ser considerada como o "método" geral de interpretação para todas as sentenças (ver seção 3.3.5.3., abaixo).

Com esta introdução breve à teoria RV, tentemos solucionar os problemas referenciais no pirahã.

### 3.3.5. Para uma análise da referência no pirahã

#### 3.3.5.1. A natureza peculiar dos pronomes no pirahã

Uma pressuposição crucial para a teoria de vinculação é a divisão taxonômica das expressões nominais em três grupos: (i) expressões - R (João, o cachorro etc.); (ii) pronomes (ele, ela, nós etc.); e (iii) elementos anafóricos (se, me, nos etc.).

Esta divisão deriva de uma tipologia em termos de traços sintáticos proposta em Chomsky (1982b:78ss):

- (a) [ + anafórico, - pronominal ] 'se', 'me' etc.
- (b) [ - anafórico, - pronominal ] 'João', 'a mulher' etc.
- (c) [ + anafórico, + pronominal ] 'PRQ'
- (d) [ - anafórico, + pronominal ] 'eie', 'ela' etc.

Por exemplo, (c) não nos preocupará. A tese básica que proponho aqui é de que esta tipologia não caracteriza corretamente as expressões nominais do pirahã e, portanto, a teoria de vinculação só se aplica vagamente nesta língua. Coreferência obrigatória em pirahã é explicável através de outros princípios, especificamente as teorias de Caso e regência.

Primeiro, quero tentar justificar a proposta de uma tipologia alternativa de (a) - (d) acima, ou seja:

- (e) [ + expressão-R ] nomes próprios, outros substantivos
- (f) [ - expressão-R ] hi, ti, gi etc.

Kurt Nimuendaju, o famoso sertanista alemão (naturalizado brasileiro) fez algumas observações interessantes sobre os pronomes do pirahã:

(i) o sistema pronominal do pirahã é extremamente simples (como já temos visto);

(ii) este sistema é muito semelhante aos pronomes singulares (1ª, 2ª, 3ª pessoa) do nheengatu, a língua franca do Amazonas até o final do século passado (e até o dia de hoje em certas regiões).

Através destas observações, Nimuendaju (1948) sugeriu que talvez os pronomes do pirahã fossem empréstimos do nheengatu. Essa sugestão recebe algum apoio de exemplos e observações do primeiro capítulo (seção 9) da preferência para os nomes próprios e outras expressões não pronominais e da falta de formas especiais para reflexivas e recíprocas.

Note-se, também, exemplos como:

(47) hi xobáaxái ti  
3 saber muito 1

"Eu sei muito." ("Alguém sabe muito, eu.")

Nesse exemplo ti "1" aparece na posição de tópico e é coreferencial a hi "3".

Isto me leva a dizer que hi é relativamente neutro semanticamente. Por outro lado, como espero mostrar mais adiante, a função sintática de hi, especialmente em relação às teorias de Caso e vinculação é extremamente importante.

#### 3.3.5.2. A teoria de vinculação, cadeias funcionais e a referência pronominal em pirahã

Em discussões anteriores foi demonstrado que (i) a análise de referência do pirahã nos exemplos que tenho chamado de coreferência complexa e pseudotopicalização não pode ser em função dos núcleos de tópicos gerados sob S'; e (ii) os elementos pronominais desempenham um papel misto na língua, ora sendo anafóricos, ora dêiticos (ou "livres").

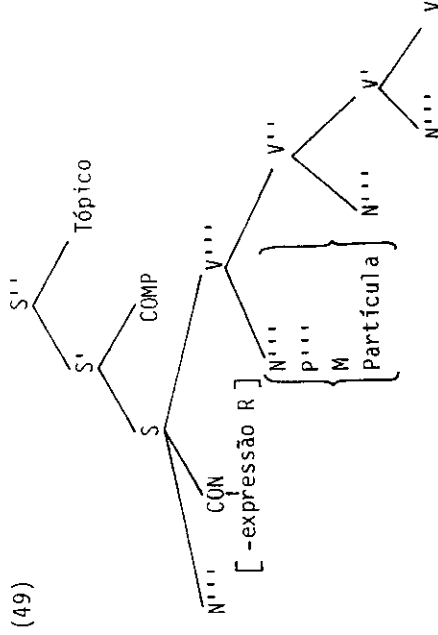
Além do mais, em todos os exemplos onde estes elementos hi, ti e gi aparecem, eles se comportam de maneira semelhante aos clíticos. Nesta seção quero esclarecer a função destes elementos e discutir a relação entre referência, cadeias funcionais e as teorias de Caso e regência.

Já que esta discussão depende crucialmente das estruturas sentencial e verbal no pirahã, começo com uma lista de regras frasais:

- (48) (a) S'' → S' Tópico
- (b) S' → S COMP (ainda não definido; veja seção 1.2.2.1., acima)
- (c) S → N'''' CON V''''
- (d) V'''' →  $\left\{ \begin{array}{l} P'''' \\ N'''' \\ M \\ \text{Partícula} \end{array} \right\} V''''$
- (e) V'' → N'''' V'
- (f) V' → N'''' V
- (g) CON → [ -expressão R ]

48g é apresentada aqui para introduzir a noção de CON. De fato, não seria necessário listar uma regra desta natureza uma vez que ela é derivável de outros princípios independentes.

Do exemplo 48 geramos estruturas como a que se segue:



Agora, a respeito do exemplo 49, suponhamos que os elementos hi, ti e gi podem ser inseridos sob CON ou N'''. Também, requeiramos que o CON seja obrigatoriamente preenchido por um elemento

[ - expressão R ],  $\left\{ \begin{array}{l} hi \\ ti \\ gi \end{array} \right\}$  ou PRO.

Finalmente, suponhamos o "filtro de Caso" de Chomsky (1981b:334):

"The Chain C =  $\langle \alpha_i, \dots, \alpha_n \rangle$  has the Case K if and only if for some  $i$ ,  $\alpha_i$  occupies a position assigned K by  $\mathcal{B}$  ...  
Every lexical NP is an element of a chain with Case."

Estabelecerei mais abaixo que o N'' dominado por V'' recebe Caso do N'' dominado por V' e que o N'' de S recebe seu Caso do CON. Esta atribuição de Caso através de "cadeias" implica em coreferência entre os membros da mesma cadeia. Logo, uma vez estabelecidas as relações de atribuição de Caso, o problema da coreferência é resolvido.

Quero sugerir então, dadas estas pressuposições, que a interpretação de exemplos como os 33 e 41, acima, baseia-se parcialmente na relação transformacional entre estas sentenças. Especificamente, sugiro que o

exemplo 33 é derivado do 41 por uma regra de chomsky-adjunction (cf. o apêndice 2) que transporta o CON para dentro de V'. Este movimento facultativo corresponderia à regra R de Chomsky (1981b:1):

There is a rule R that assigns INFL to VP..."

Porém, ao contrário de outras línguas como o português, o italiano etc., K seria facultativo e não obrigatório.

Porém, existem pelo menos dois problemas fundamentais com esta regra 'R' que estou propondo para o pirahã, que precisam ser resolvidos. Em primeiro lugar, para onde é que o nó CON é transportado dentro de V'? Em segundo, como é que podemos justificar o fato de que em pirahã, ao contrário da maioria das línguas conhecidas, não há nenhuma regra obrigatória de "fusão" de CON e V (ver trabalho de Safir (1982)). Em outros termos, como é que o CON pode ser realizado fonologicamente independente do verbo, como se vê em exemplos como o 42, acima?

Para responder a esta segunda questão poderíamos começar por pressupor o "filtro de tempo" proposto por Safir (1982:427):

"The Tense Filter:

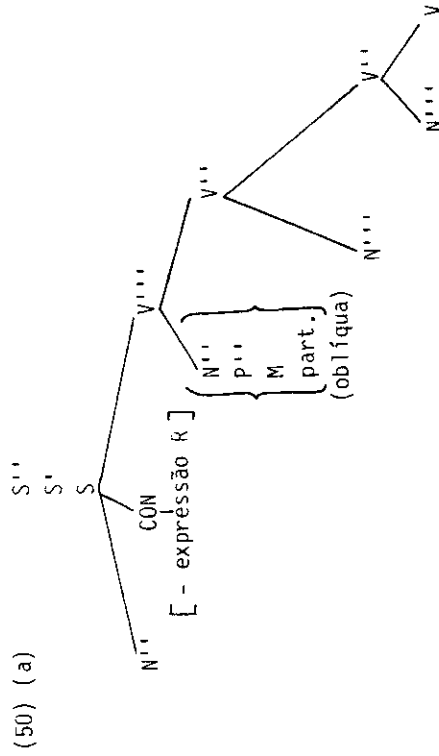
Tense Features must be spelled out on a verbal phonological base."

Dado este filtro como a motivação principal para a fusão de CON (ou 'INFL') e V, poderíamos supor que numa língua sem tempo, como o pirahã, esta regra é facultativa ou ausente (o que pressupõe que o componente nominal de 'INFL', o CON, é menos verbal por natureza do que o outro componente de 'INFL', o TEMPO - o INFL é normalmente representado por INFL → [ [+Tempo] (CON) ], ver apêndice 2).

Quanto à primeira questão, a argumentação proposta terá de dar conta ao fato de que numa língua como o pirahã, que não distingue entre elementos anafóricos vs. elementos pronominais, as "interpretações ligadas" precisam ser explicadas por outros princípios (o que na minha análise serão Caso e regência).

A coreferência entre CON e o N'' imediatamente dominado por S seria estabelecida pelo seguinte:

(i) no exemplo 50 o CON c-comanda e rege o N'' mais alto, atribuindo-lhe o Caso nominativo:



(Ao meu ver a conceituação de Caso proposta por Safir como algo "possuído" por um determinado nó é incorreta. Ao contrário, Caso é uma relação sintagmática obtida entre dois nós em determinadas configurações sintáticas - é uma relação e não um traço atribuído paradigmaticamente.)

(ii) CON é facultativamente movido para V' por chomsky-adjunction.

(iii) CON e o N'' mais alto em S são membros da mesma cadeia,

pressupondo o seguinte:

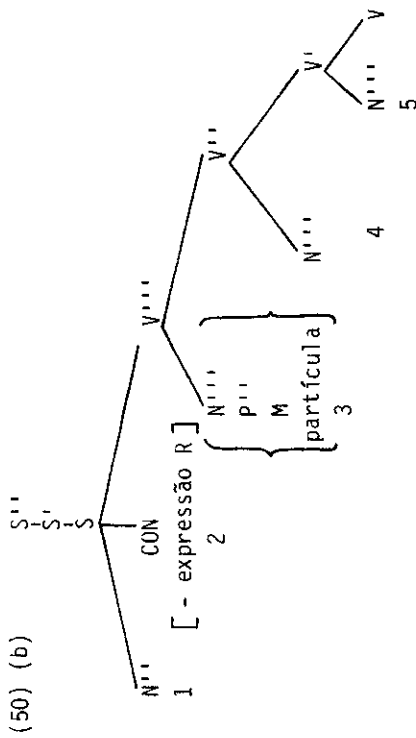
(a) definição de cadeia (de Chomsky, 1981b:333):

"C = ( $\alpha_1, \dots, \alpha_n$ ) is a chain if and only if:

- (i)  $\alpha_1$  is an NP
- (ii)  $\alpha_i$  locally A-binds  $\alpha_{i+1}$
- (iii) for  $i > 1$ , (a)  $\alpha_i$  is a non-pronominal category or (b)  $\alpha_i$  is A-free
- (iv) C is maximal, i.e. is not a proper subsequence of a chain meeting (i - iii)".

No exemplo 50, podemos dizer que N'' em V' é A-free, ou seja, o N'' dominado por V'' que liga esta expressão não está numa posição argumental do verbo V.

Para esclarecer melhor, vejamos o seguinte exemplo:



No exemplo anterior, os módulos 1, 3 e 5 são posições argumentais, na minha análise. Posições ligadas por estas posições são A - bound (ver apêndice 2) 'Vinculadas - A'. Por outro lado, 2 e 4 são posições não arquiváveis e posições ligadas por estes módulos são A' - bound 'Vinculados - A'.

Obviamente, a condição (iii) só será aplicável vagamente no pirahã, o que pode permitir a presença dos elementos [- expressão-R] na posição  $i > 1$  (ou seja, nas posições abaixo de  $i$  na árvore).

Logo, seja por cosubscripting de índices ou cosubscripting (cf. Chomsky (1981b)) o N'' mais alto de S e o CON formam uma cadeia onde a coreferência é obrigatória (ou N'' não recebe Caso, na minha análise. Assim, é, Caso e não a teoria de vinculação que determina a coreferência obrigatória. Terei mais a dizer sobre as implicações desta modificação para a teoria de indexação. Ver a conclusão deste capítulo.).

Agora, tentemos explicar: (i) como ligar o N'' dominado por V'' ao N'' dominado por V'; e (ii) como eliminar exemplos como (51):

\* (51) kohoibíhái(i) hi(j) xabagi(j) hi(i) xibábóhá

"Xabagi bateu em Kohoibíhái."

Em relação ao (i), poderíamos dizer que, dado o filtro de Caso de Chomsky, acima, (agora incluindo a noção de "cadeia"), o N'' dominado por V'' ou é membro de uma cadeia onde ele é coreferencial a algum  $i > 1$  que recebe Caso, ou a sentença onde este N'' ocorre é \*, agramatical.

Este N'' dominado por V'' não pode ser ligado a CON, já que isto violaria o princípio C da teoria de vinculação (e este aspecto da teoria de vinculação continua "em vigor" para o pirahã). Outrossim, o "princípio- $\theta$ " que proíbe a atribuição da mesma relação temática a mais de um N lexical seria violada.

A única opção que resta é interpretar este N'' como coreferencial ao N'' de V. É óbvio que devido à teoria de vinculação e à teoria de relações temáticas não seria possível preencher ambos os N'' 's com expressões nominais [+ expressão - R] simultaneamente. Portanto, sabemos, sem ter que estipular que o N'' mais baixo tem que ser [- expressão - R] se o N'' de V'' for preenchido. Por outro lado, é necessário evitar sentenças como:

\* (52) (a) kohoibíhái(i) hi(i) hi(j) hi(j) xibábóhá

"Kohoibíhái bateu nele."

Ou seja, não é possível que dois elementos pronominais coreferenciais tenham a mesma função temática (neste caso de paciente). Este princípio também eliminaria estruturas como:

\* (52) (b) hi(i) hi(i) xabagi(j) hi(j) xibábóhá

"Ele bateu em Xabagi."

Isso é provavelmente ligado a existência de algum filtro de interpretação na forma lógica. Não entraremos numa discussão desta possibilidade aqui.

Agora, estamos chegando a uma explicação relativamente clara da referência no pirahã. Restam, porém, pelo menos duas questões: (i) para onde é que vai o CON (nossa primeira pergunta acima, antes da discussão de "cadeia"; e (ii) como explicar o N'' de V'' no exemplo 50?

A pergunta de (i) é relativamente fácil dada as conclusões da discussão acima. Isto é, ele só pode ir para V' já que nunca ocorre nenhum elemento coreferencial ao sujeito entre o objeto direto e o verbo. Portanto, o movimento teria que ser para V'. Isto parece correto também, uma vez que é para se esperar que o CON manteria a relação mais íntima com V permitida na língua, o V', neste caso.

Quanto ao N'' de V''', ou seja, o objeto oblíquo, evidências foram apresentadas no primeiro capítulo de que quase todos os elementos desta posição são marcados pelo sufixo -o "oblíquo", sejam partículas, modificadores, pósposições ou locuções nominais. Isto me leva a analisar esta posição como uma posição subcategorizada pela cabeça de V''', ou seja, V, que recebe "Caso inerente" (cf. Chomsky, 1981b:170ss).

O leitor terá notado um problema com a definição de cadeia dada acima e o fato de que o N'' de V'', o  $1$  da cadeia com N'' e V' não é numa posição de argumento e, portanto não A - binds (vincula - A) o elemento  $\alpha_1$ ,  $i > 1$  da cadeia, violando (ii) da definição.

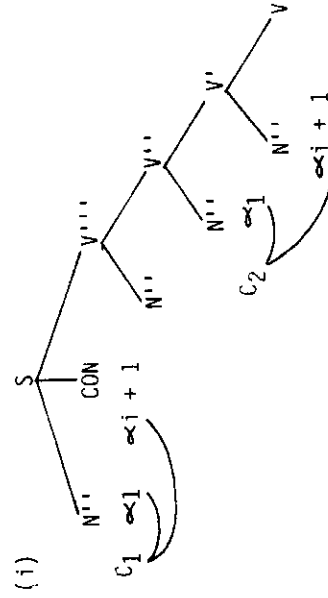
Kayne (1982) já notou que a definição de cadeia tem que permitir certos "vinculadores" (de posições não argumentais, ou seja "vinculadores - A").

Dada a necessidade do N'' de V'' de receber Caso e a falta de aplicação da teoria de vinculação em pirahã (pelo menos os princípios (A) e (B) da teoria) acho plausível e bem motivado propor uma modificação da noção de cadeia no pirahã para algo que seria mais ou menos:

C = ( 1, ..., n ) é uma cadeia se e somente se:

- (i)  $\alpha_1$  é um SN;
- (ii)  $\alpha_i$  vincula  $\alpha_{i+1}$  localmente de (a) uma posição argumentativa ou (b) de uma posição não argumentativa onde  $\alpha_i$  é um elemento [ + expressão - R ] sem Caso e  $\alpha_{i+1}$  é um elemento [ - expressão - R ] numa posição que atribui ou recebe Caso;
- (iii) para cada  $i > 1$ , (a)  $\alpha_i$  é [ - expressão - R ] ou (b)  $\alpha_i$  é livre - A;
- (iv) C é máximo; i.e. não é uma subsequência própria de uma cadeia que cumpre as condições (i) - (iii).

No caso (i), abaixo, a noção de "cadeia" é ilustrada (usando a estrutura proposta para o pirahã):



C<sub>1</sub> seria uma relação de BINDING (ver apêndice), livre da teoria de vinculação, segundo Chomsky (1981b). Porém, já que princípios (A) e (B) desta teoria não são aplicáveis ao pirahã, podemos estabelecer uma cadeia entre CON e N'' dominado por S.  $1$ , nesta análise, é uma | + expressão R | (com algumas exceções irrelevantes para a presente discussão).

Naturalmente, esta modificação da noção de cadeia sendo mais específica para o pirahã, deve ser ampliada futuramente para outras línguas, usando a tipologia de Chomsky (1982b:78ss) para expressões nominais. É apenas uma sugestão aqui.

### 3.3.5.3. Para uma explicação do nóduo CON

Num artigo importante Givón (1976) discute o desenvolvimento de concordância em geral como sendo principal e historicamente uma relação entre o verbo e tópico (e não o sujeito).

Começando com exemplos de um inglês standard, ele demonstra como a concordância resulta de uma reanálise diacrônica de estruturas topicalizadas (p. 155):



Outro problema que Lasnik levanta se vê em exemplos como os 55 a 59:

(55) John told Bill that they should leave.

Segundo Lasnik, a teoria de GB permite apenas as interpretações (e indexação) dos exemplos 56 a 58:

(56) (a) John<sub>1</sub> told Bill<sub>2</sub> that they<sub>3</sub> should leave.

(b) 'they' não inclui nem 'John' nem 'Bill'.

(57) (a) John<sub>1</sub> told Bill<sub>2</sub> that they<sub>1</sub> should leave.

(b) 'they' inclui 'John' mas não 'Bill'.

(58) (a) John<sub>1</sub> told Bill<sub>2</sub> that they<sub>2</sub> should leave.

(b) 'they' inclui 'Bill' mas não 'John'.

Porém, diz ele, outra interpretação correta, até mais natural, é 59. Mas, como derivar o exemplo 59 de apenas os índices referenciais?

(59) 'they' inclui 'John' e 'Bill'.

Acredito que o problema que Lasnik levanta provém de um conceito errado da interpretação de expressões nominais e a sua indexação. Este conceito, geral na literatura, supõe que a colocação dos índices referenciais seja livre, isto é, sem restrição alguma. As indexações gramaticais seriam eliminadas pelos princípios de vinculação etc. Esta conceitualização da indexação, dada nossa discussão acima e a regra de predicção de Chomsky (1977a) não é necessária.

### 3.3.6.2. Sobre a noção de "indexação livre"

Como uma alternativa à noção de indexação livre, quero sugerir que há apenas uma instância de indexação a uma determinada sentença. São as interpretações destes índices que são múltiplas ("n-ário" onde  $n \geq 1$ ). Antes de aplicar esta sugestão aos exemplos de Lasnik, vamos ver algumas das implicações dela (i) quanto à natureza da referência: como notamos na seção

3.3.1., a referência tratada pela lingüística não é a referência real, mas a referência pretendida. Por exemplo:

(60) Eu vi João e Sérgio.

Nesse caso, a lingüística só diz que não devo estar pretendendo dizer que João e Sérgio são a mesma pessoa (no uso normal da língua). Se por acaso João fingiu ser Sérgio e me enganou, isso cai fora da lingüística. Em outras palavras, a referência que procuramos entender na lingüística é intimamente ligada com a intencionalidade. É óbvio que não podemos saber exatamente a intenção do falante. Mas podemos saber através da sintaxe, quais são as intenções possíveis dada a função comum da linguagem, princípios de vinculação, etc. Portanto, não acredito que seja uma boa idéia propor um mecanismo matemático para determinar a referência. Na minha estimativa, a sintaxe pode fixar os parâmetros possíveis das referências possíveis numa determinada estrutura, mas seu efeito é mais negativo do que positivo. Ou seja, ela proibe certas referências. Claramente, este conceito implica em certas mudanças nos princípios de vinculação, que reformula aqui como (A') - (C').

(ii) Quanto aos princípios de vinculação:

(A') Um elemento anafórico tem que ser interpretado como coreferencial a outra expressão nominal na sua categoria de regência;

(B') Um pronome não pode ser interpretado como coreferencial a nenhuma expressão nominal na sua categoria de regência;

(C') Uma expressão-R nunca é obrigatoriamente coreferencial (vinculada).

Em outras palavras, a regra de predicção tem que achar um antecedente para cada elemento anafórico dentro da sua categoria de regência; ela não pode interpretar nenhuma expressão nominal como coreferencial a um pronome na sua categoria de regência e finalmente, expressões-R não tem antecedentes.



(iii) Quanto à interrelação da pragmática e a sintaxe:

Conforme os itens (i) e (ii), a pragmática é autorizada pela sintaxe a fazer qualquer interpretação que puder, a não ser que esta interpretação seja proibida pela sintaxe (os princípios de vinculação) etc.

### 3.3.6.3. Os exemplos de Lasnik

Dados os itens (i) a (iii), acima, vejamos como podemos solucionar o problema colocado por Lasnik. Nos exemplos de referência "overlapping", 53 e 54, e de referência dividida ("split"), 55 a 59, nossa regra nos dirá o seguinte (supondo também que as regras de interpretação somente interpretarão índices como equivalentes (coreferência 'completa') se os termos assim relacionados podem ser extensionalmente equivalentes (cf. fatores de subcategorização, número etc.).

Nos exemplos 53 e 54, a regra diz que os índices de 'we' e 'they' ≠ dos índices de 'I' e 'he' (ou seja, não podem ser extensionalmente equivalentes).

Nos exemplos de 55 a 59, as regras dizem que:

- (i) o índice de 'John' ≠ o índice de 'they'
- (ii) o índice de 'Bill' ≠ o índice de 'they'
- (iii) o índice de 'John' ≠ o índice de 'Bill'

(i) e (ii) nos dizem que  $\left. \begin{matrix} \text{'John'} \\ \text{'Bill'} \end{matrix} \right\}$  e 'they' não são extensionalmente equivalentes (devido à diferença de número). Veremos as implicações do (iii) no parágrafo que se segue ao próximo.

Entendemos que, dadas as pressuposições e modificações acima, na teoria de vinculação, nossa regra de interpretação até agora não nos disse nada a respeito da possibilidade de que 'John' e/ou 'Bill' sejam subconjuntos de 'they' (como 'I' e 'he'), podem ser subconjuntos de 'we' e 'they' nos exemplos 53 e 54. A regra somente diz que estes elementos não são conjuntos extensionalmente equivalentes. Portanto, não é proibido entender os exemplos 53 e 54 como coreferência "parcial" "overlapping", ou os 55 a 59 como coreferência dividida ("split").

Quanto a 'John' e 'Bill', devido ao fato de que não podem ser extensionalmente equivalentes, mas não conjuntos com apenas um membro cada; são obviamente disjuntos em referência. Poderíamos imaginar outras aplicações da teoria dos conjuntos para explicar outros casos.

De qualquer forma, as objeções de Lasnik são respondidas.

## N O T A S

## CAPÍTULO II

1. Ver Chomsky (1980b; 1981b etc.) para uma discussão mais ampla da discussão entre t e PRÓ. Ver, também, a terceira seção deste capítulo.
2. Ver o apêndice 2 para definições dos termos da teoria de GB.
3. As regras categoriais de 1.2.2.1. são obviamente uma lista parcial das regras frasais do pirahã. São ilustradas nesta seção deste capítulo ou as que ilustram certos pontos da teoria.
4. Porém, se aceitarmos as nominalizações da seção 15.4. do primeiro capítulo, podemos sugerir o seguinte:

(i) regra de nominalização:

$$[ \nu X ] \rightarrow [ N [ \nu X ] - \text{sai} ]$$

Significado: algo que faz a ação especificada por [  $\nu X$  ]

(ii) subcategorização de formas nominalizadas:

$$[ N [ \nu X ] - \text{sai} ], \pm [ SN \_ ]$$

(iii) exemplificações:

(a) xiohói xibofti-sai  
vento cortar-nominalizador

"Cortador de vento (hélice)."

(b) xií kai -sai  
coisa fazer-nominalizador

"Fabricante de coisas (fábrica)."

(c) gahíó pií xabaípi-sai  
avião água sentar -nominalizador

"Avião, sentador de água (hidroplano)."

Note-se que exemplos como (iii) funcionam como cláusulas relativas (cf. seção 15.3.2. da primeira parte).

5. Ver a última seção deste capítulo para uma discussão mais ampla dos traços sintáticos dos elementos nominais.

6. Porém, se os itens lexicais fossem subcategorizados em função do caso (Fillmore (1968); Longacre (1976); etc.), não haveria qualquer problema em explicar verbos como xoab- "matar/morrer". Por exemplo:

(i) káixihí xoabái  
paca morrer

"A paca morreu."

(ii) ti káixihí xoabáipi  
I

"Eu matei a paca."

Se considerarmos káixihí como o paciente e ti como agente, então a caracterização do verbo é:

(iii) (A) P V

O elemento imediatamente à esquerda do verbo é o paciente. Não tenho explorado esta possibilidade, mas parece ser uma alternativa interessante (esta sugestão foi dada por Aryon Kodrigues).

7. Infelizmente, não tenho tido oportunidade de ver estas referências pessoalmente.

8. Elementos anafóricos recebem o índice referencial da expressão nominal

que os c-comanda, conforme outras condições a serem discutidas neste capítulo. Eles não recebem índices anafóricos.

9. "A maximal" = a maior SN ou S' que contém 'NP<sub>2</sub>'.

10. Um nóculo  $\alpha$  c-comanda outro  $\chi$  somente se nenhum dos dois domina o outro e o primeiro nóculo que divide que domina  $\lambda$  domina  $\chi$ .

11. Higgenbotham (1980:682) define a noção de livre assim: "A pronoun B is free (i) in X if it occurs in X and there is nothing in X with referential index i that c-commands B."

12. "B in nominative if governed by tense [mas cf. minhas sugestões na seção 3.3.6.2., D.L.E.] and in the domain of the subject of X if X has a subject Y that c-commands B. If X = S' or NP, X is minimal if it contains X." (Higgenbotham, 1980).

13. Ver a nota 8, acima. As condições (a) e (b) do exemplo 30 são também conhecidas como a 'NIC' ( $\lambda$ ) e 'Opacidade' ( $\beta$ ).

14. 'Ele' não esta livre (3) em X mínimo.

15. Ver a seção 3.3.6.1. para uma discussão da natureza interessante destes pronomes. Também, ver seção 4 do primeiro capítulo.

16. Em todos estes exemplos seria possível para um ou ambos os elementos topicalizados seguirem o verbo. A condição sobre a sua interpretação continua a mesma: o SN mais para a esquerda é coreferencial ao pronome-sujeito e o mais para a direita, com o pronome na posição do objeto direto.

17. Reinhart define PPA ('Possible Pragmatic Assertion') como: "The member of PPA(<sub>S</sub>) [conjunto de PPA(<sub>S</sub>) de S, D.L.E.] are thus, the proposition expressed by S and each possible pair one of whose members is this proposition and the other is an interpretation of an NP in S' (1981b).

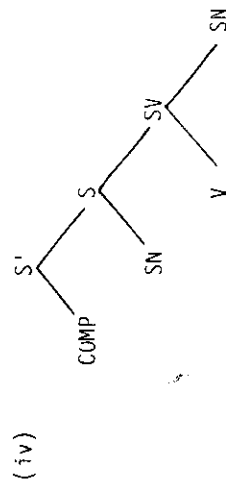
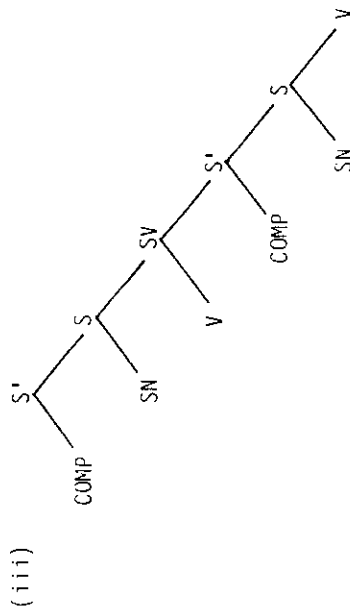
18. Ver Dooley (1982:309ss)

19.  $\lambda$  c-comanda  $\beta$  minimamente somente se  $\lambda$  c-comanda  $\beta$  e não há nenhum  $\gamma$  tal que  $\lambda$  c-comanda  $\gamma$  e  $\gamma$  c-comanda  $\beta$  e não c-comanda  $\lambda$ .

E: (i)  $\lambda$  ( e $\gamma$  ) = [ +N, +V ]

(ii) não há nenhum colchete de S' ou SN entre  $\delta$  e  $\beta$ .

Portanto, em (iv), mas não em (iii), c-comanda minimamente:



## APÊNDICE I

### Pequena Lista de Vocábulo por Tópicos do Pirahã

APENDICE I

Pequena Lista de Vocábulo  
por Tópicos  
do Pirahã

## APÊNDICE I

## Uma pequena lista de vocábulos, por tópicos, do pirahã

## ANIMAIS

Português	Pirahã
anta	kabatií
arara	kaaxai
cachorro	giopai/giaibai
capivara	piopísi
cobra	tigaiti
cuati	xaagi
cutia	xafíi
fêmea	xísipoihi
galinha	páxaihi
gato	báhoipai
jacaré (esp. pequena)	kaxaxái
jacaré (esp. grande)	koxóhai
lontra	pibaoi
macaco	kóxof
macho	xísigihí
maracajá	báhoipai
morcego	hoahói
onça pintada	kagáhiái
onça preta	kopaíai
paca	káixihí
pássaro	piibigi
peixe	xíiixisi
peixe boi	pijáagi
porco (esp. pequena)	baaí
porco (esp. grande - catitu)	bahósi
porco doméstico	bahóigatoi
rato	hixí
sapo	pihóbigí
sucuriçu	paóhoahai
tamanduá	xigohói
tartaruga	giisógi
tatu	kaxáihí
tracajá	xóhoi

vaca/boi  
veado

**CORES**Português

amarelo

azul

branco

claro

escuro

laranja

preto

roxo

verde

vermelho

kabatiógi  
baitóí

Pirahã

biísi

xahoasai

kobiaí

kobiaí

tioái/kopaíai

bífsi

kopaíai

tixohói (?)

xahoasai

biísi

**DESCRIPTIVOS**Português

adulto

alto (de fala)

amargo

bom

cru

desagradável

doce

duro

fime

forte

fraco

gordo

mesmo

mole

molhado

morno

novo

padre

picante

quente

salgado

Pirahã

xigohói

xapógopigí

xaití

báaxáí

xasí

biixóí

koafsi

tigíí

tigíí

xibigaf

xixóíí

xahai

xaisigíai

biíxi

xihói

xoóti

xasí

pai

xaaf

hoaf

xapóí

Uma pequena lista de vocábulos, por tópicos, do pirahã

seco xaaí  
velho toio  
verde (não maduro) xahoasai  
vertical xipópi

**DIREÇÕES**

(Formadas pelas localizações + o sufixo direcional -xió)

Português

para baixo

para baixo (da superfície de)

para cima

para dentro

para fora

para o lado

rio abaixo

rio acima

Pirahã

bigóxió

bigióxió

hióóxió

koóxió

kaóxió

xoóxió

pijóxió

pijóóxió

**FORMAS**Português

arredondado

quadrado

reto

torto

Pirahã

hióóí

xapabaasi

kositiísi

xagai/xabahiíoi

**INSETOS**Português

aranha

barata

borboleta

caba

formiga

gafanhoto

lagarta

mosca

mosquito

piolho

Pirahã

xóíí

xooópaííi

sibíoi

xigábai

poíxi

xisaahai

xóohói

tisoiaó

kaxáí

tihííi

Daniel Everett

#B

**OCALIZAÇÕES**

português	Pirahã
abertura	kaóí
qui/aí/ali/lá	gó
quilo	gáihí
aira	xapisi
ostas (parte de trás)	xigaó
entro	xibóai
ente	xapai
querda/direita	não existe <sup>2</sup>
ito/isso	gisai
ido	xahoasai
arte superior	xapai
arte inferior	tiapai

**ITROS OBJETOS**

português	Pirahã
ua	pií
ulha	pihioisai
zol	bãagihí
co	hóí
eia	tahoasi
rracha	tioií
lseira	xaitaóí
raco	xooí
bo	xiitoií
chaça	pitísi
minho	xagí
mpo/horta/roça	xogaí
noa de brancos	xagaa
noa de pirahã (de casca)	kagahóí
rvão	hoaípóí
sa	kaiíí
sta	kahiaí
u	bigí
ama	hoaxioí
apéu	sapioí
umbo	hoasífikoi
uva	pií

cinzas	hoatíí
colar	xáihoi
corda	tioiái
dinheiro	gíigohóí/kapiiga
faca	kaháíxíoi
flecha de pescar	poogahai
flecha de pássaro	xáapaháí
flecha	kaháí
fogo	hoaí
fonte	pií
forno	pixaóí
igarapé	piíaooi
janela	kaoi
lago	xaabóí
lama	bigixihóí
linha de pescar	tioiái
linha de costurar	soioágahái
lua	kaháíxáíí
machado	taísi
mar	piígiotigai
nuvem	hóáaxí
névoa	hóáaxí
pano	baósaí
papel	kapiiga
pedra	xaxáí
pente	xisoí
petróleo	xisihóai
pilão	xixóhoi
poeira	bihóáxai
pólvora	hoatíí
porta	kaoi
praia	tahoasi
prato	pagatoí
rede	baósaípiísi
remo	piípóí
rio	pií
sal	giotigai
sol	hisí
sombra	biíhóigixi/xopípa



perçado  
terra  
teto  
rento

tagasága  
bigí  
xabíisi  
xiohóí

estômago  
fezes  
fígado  
garganta  
gordura  
joelho  
junta  
lágrimas  
língua  
mandíbula  
mão  
nádegas  
nariz  
olho  
orelha  
osso  
ovo  
palma  
pé  
peito  
pelo  
pena  
pênis  
penugem  
perna  
queixo  
quadril  
rabo  
rosto  
sangue  
seio  
testículos  
tornozele  
umbigo  
unha  
urina  
virilha

koxopai/koxoi  
tiipai  
xibíof  
boitópai  
xahíai  
xaósi  
xofiígaof  
kosi  
xipópai  
xisai  
xoái  
tiapai  
xitaof/xitaopai  
kosi  
xaóof/xáopai  
xaí/xisai  
sitoí  
xoói  
xaaí  
bohóí  
xisitaí  
xisitaí  
poobahai  
xisoobái  
xaipof  
xisai  
tiapai  
xigai/xigatoí  
xafi  
biipai  
bógai  
xitósi  
xaaxíoi  
saxaohoi  
xopói  
kopáisi  
kasiitohoi

**PARENTESCO**

Português  
avô (avó)  
criança  
filho  
filha  
filhos  
irmão/irmã  
primeira geração  
ascendente do ego  
geração do ego  
primeira geração  
descendente do ego

Pirahã  
xibígaí  
tiobáhai  
hoagí  
hoífsai  
hoífsai/hoagí  
xahaigí  
baixi/xogiái  
xahaigí  
tiobáhai

**PARTES DO CORPO**

Português  
asa  
barba  
boca  
cabeça  
cabelo  
calcanhar  
cara  
carne  
chifre  
cintura  
costas  
costelas  
cotovelo  
coxa  
dedo  
dedo do pé  
dedo polegar  
espinha dorsal

Pirahã  
xisipóai  
xisaitai  
kaopai/kaoi  
xapapai  
xapaitai  
xatógó xioí  
xafi  
xigíhií/xisigíhií/(animal)  
xisapái  
kahaí  
xigaó  
xipáai  
xapixioitoíi  
xaahoí/xipóof  
xopái  
xahóisi  
xoái  
xohaái

**LANTAS**

Português	<u>Pirahã</u>
lgodão	piisi
irroz	xahóikası
irvore	xiĩ
atata	bāgahái
afé	kapíxi
ana	xaóóĩsai
apim	páaxái
asca	xiĩpĩ
astanha	tíihĩ
ipó	hói
uia	xatai
eijão	gihóokası
lor	xaóobaĩ
olha	tai
rama	bíosi
enha	hoafi
acaxeira	báasi
anga	xáhoi
ato	xooĩ
el	xaáhái
elancia	hoagasiá
ilho	tihoahai
alha	xabĩisi
almito	xábohófsi
axiúba	xabóipi
imenta	xigagĩ
aiz	xaai
amo	xaofixaoi
emente	xaofisi
abaco	tíhi
aquara	kahaiboi
ronco	xíapai

**OSIÇÕES**

Português	<u>Pirahã</u>
o lado	xahoao
trás	xitió

Uma pequena lista de vocábulos, por tópicos, do pirahã

dentro/em	kaó
em baixo	bíigió
em cima	xapó
em frente	xapaó
entre	koo
fora	kaó
longe	kaó
próximo	xigihíhio
sobre	híoo/híba

**QUANTIDADES**

Português	<u>Pirahã</u>
cheio	kaabi
dois	hoĩ
inteiro	xogió
metade	xaibóai
muito (nomes contáveis)	xaĩbái/báagiso
muito (nomes não contáveis)	xapagĩ
nada	xi ába
parte/pedaço	xaibóai
pouco	xoĩhi
todo	xogió
um	hói
vazio	xasi

**TAMANHOS**

Português	<u>Pirahã</u>
alto (de altura)	pixi
alto (de água)	xoába
baixo (de altura)	biníhio
baixo (de água)	xai
comprido	pixi
curto	tiohii
estreito	xoĩhi
fino	xaabi
grande	xogif
grosso	xibígaĩ
largo	xogif/pii xigiábi
pequeno	xoĩhi

**TERMS TEMPORAIS**

<u>Português</u>	<u>Pirahã</u>
amanhã/ontem/anteontem/etc.	xahoa pió
dia	hisó/xahoa
há muito tempo/muito tempo	
no futuro	soxógió
mais tarde	higó xaiso
madrugada	xahoakohoihio
noite	xahoái
tarde	xahoiǵo
tardinha	hibigíbagá xaiso

**VERBOS**

<u>Português</u>	<u>Pirahã</u>
abrir	kositoai
acordar	kokahápi
afiar	xáibaí
agitar	kagií
amarrar	gáigi
andar	bigái
assobiar	xapógopí
baixar	bigóxió/pigióxió
bater	xibái
brigar	sabí bai
caçar	xof kahápi (ir para o mato)
cair	kaobí
cantar	xisaí
chorar	hisibaí
chover	pii boi (água vem)
chutar	xópi
cobrir	bi koahoagá
colocar	xihiaí
comer	xohoái
consertar	xihiópi
construir	kaipí
coçar	xaxahói
correr	xaibogi xâhá (ir rápido)
cortar	xibaftai
costurar	xii xigapí (furar pano)

cozinhar	xihiópi
danças	bigópi
dar	hoai/bagáboí
derrubar	xaihiáopí
descascar	xioi topí
dizer	gai
doer	xilití
dormir	xaití
empurrar	xabópi
enterrar	bigí xihiaípi (colocar na terra)
erguer	hibaxái
estar com febre	xibipai xaoxaagá (ter febre)
estar com fome	xiaǵái
estar com frio	xagíiti
estar com sede	boaagá
estar com sono	kobapiaagá
estar cansado	bioabá
estar de pé	xipopáo
estar quente	hoai
estar sentado	xábaipiigá
estar zangado	sabí
falar	xahoaí
fechar	gáabí
ferver	xihioí
flechar	xibáboí
jogar	xobí
latir	xísai
lavar	xopíi
levar	xigi
mandar	xibíibi
mastigar/morder	xaabi
matar	xoabái
mostrar	biigí
nadar	piibaí
pagar	xihiaibaí
pedir	kakaopí
penetrar	xigapí
plantar	xihiaípi
pular	hióoi

puxar	xobáhoagí
remar	pibaf
roubar	bagíahá
sentar	xábaipi
soprar	sohoagí
suar (estar suado)	xitaigó
tirar	xitopí
ver	xobi
vir	hoagí/xapi
virar	koaboópi
voltar	xabópi
voar	kobabáabopí

## APENDICE II

### Lista Parcial de Termos

da

### Sintaxe Transformacional

## APÊNDICE II

### Uma Lista Parcial de Termos da Sintaxe Transformacional

Neste apêndice pretendo listar os termos por ordem alfabética em inglês. Isto porque dificilmente o leitor os encontrará em português. Proponho uma tradução para cada e dou uma definição breve (mas detalhada para certos conceitos mais difíceis ou importantes). Isto representa apenas uma tentativa inicial, omitindo muitos termos.

A-over-A principle - (princípio de configurações tipo A sobre A): Este princípio foi proposto por Chomsky no início da década de 1960. Era o início de uma longa série de restrições e condições sobre o funcionamento das regras sintáticas. Diz que, numa configuração do tipo:

$$\begin{bmatrix} A & [ & A & ] \\ & 1 & & 2U \end{bmatrix}$$

onde,  $A_1$  e  $A_2$  são da mesma categoria frasal (SN, SV etc.) nenhuma regra pode mover  $A_2$  para fora de  $A_1$ .

Absorption - (absorção):

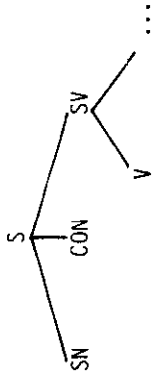
- (i) A tendência de certos elementos sintáticos (como os clíticos) de assumir os traços (ou algum traço) de outra categoria sintática (sob certas condições); Caso é frequentemente "absorvido" por clíticos.
- (ii) Uma regra de forma lógica onde dois ou mais quantificadores são fundidos para produzir um quantificador que ligue  $n$  posições ( $n$  = número de quantificadores fundidos).

Acceptability - (aceitabilidade): uma noção de "desempenho" onde sentenças inaceitáveis não são necessariamente agramaticais, mas apenas "estranhas" ou difíceis de interpretar para o falante nativo. Lakoff (vários trabalhos) e Everett (a sair, c.) têm criticado a tentativa de distinguir entre inaceitabilidade e agramaticalidade, dizendo que agramaticalidade é apenas um tipo de inaceitabilidade.

Accessibility - (acessibilidade): em certas sugestões para a noção de "categoria regente" (Chomsky, 1981b:211), acessibilidade é definida como: "

é acessível a se e somente se está no domínio de c-comanda de e a atribuição do índice de a não violar a teoria de vinculação."

Adjacency - (adjacência): numa estrutura como



CON e SN são adjacentes, SN e SV, não. Este princípio é importante para a atribuição de Caso (cf. a definição de projaência, abaixo).

Adjunction e Chomsky-adjunction - (adjunção): é basicamente o "enxerto" de um nóculo sob outro. Mas, à luz da Structure Preserving Hypothesis de Emonds (cf. abaixo), a noção de adjunção normalmente usada é a de chomsky-adjunction (um termo infeliz, mas comum) que reduplica o nóculo X sob o qual o constituinte é inserido:



AGR(ement) - (CON(cordância)): este elemento é o componente nominal do elemento INFL "FLEXÃO" que, em muitas línguas como o português, é eventualmente transportado para o verbo, resultando na concordância entre o verbo e o sujeito.

Ambiguity - (ambigüidade): na teoria padrão, uma sentença ambígua teria duas "estruturas profundas". Na teoria atual, a ambigüidade é uma propriedade diferente, normalmente resultante de propriedades de certos quantificadores que sofrem regras facultativas como absorção (cf. acima). Não tem a mesma relação na teoria como tinha entre 1965 - 1973, no sentido de que não é explicável em termos de estruturas profundas múltiplas.

Anaphor - (elemento anafórico): um elemento sem referência inerente. Sempre precisa ter um antecedente na mesma cláusula ou resultará numa sentença agramatical. Exemplos do português são "se", "me", etc. .sp Antecedent -(antecedente): é um elemento nominal que "vincula" outra expressão nominal (pronomes; elemento anafórico, ou vestígio).

Argument (A) - (argumento A): um elemento A é uma expressão nominal que ocorre numa posição subcategorizada pelo verbo (da mesma cláusula). Posições tipo - A são: objeto direto, objeto indireto e sujeito. Um elemento A' não argumentativo ocorre numa posição gerada pela base, mas não subcategorizada pelo verbo; sendo COMP o exemplo mais comum.

Autonomy of Competence - (autonomia de competência): este conceito é o sine qua non da teoria transformacional em todas as suas formas. Segundo esta tese, a competência lingüística é um módulo independente de outros módulos como o sociológico, o da percepção, etc. e (obrigatoriamente) estudado separadamente. Se esta tese fosse falsificada, a teoria transformacional não existiria mais.

Autonomy of Syntax - (autonomia da sintaxe): segundo esta, o único componente independente da gramática é a sintaxe. Portanto, os outros componentes (o fonológico e o lógico) são "interpretativos". A sintaxe é o componente gerativo e portanto, providencia toda informação necessária para as realizações fonéticas e lógicas de uma determinada sentença. Este conceito é um "escudo" para a autonomia da competência. Se ele for falsificado, então de onde vem a informação necessária para a interpretação de uma sentença? Provavelmente por fora da gramática. Isto invalidaria a tese de uma competência autônoma.

AUX - (AUX): atualmente, este termo é substituído, principalmente, por INFL (FLEXÃO). Porém, se refere ainda a verbos auxiliares ao verbo principal.

Avoid Pronoun Principle - (princípio de evitar pronomes): este princípio diz que línguas naturais tendem a evitar o uso de pronomes (por motivos provavelmente ligados ao desempenho) e usam expressões-R. As implicações deste princípio se vêem especialmente na seleção de PRO sobre pronomes com realização fonética (em certas posições, como sujeito do infinitivo).

Base - (componente de base): na teoria padrão, este componente era divisível em dois componentes: o léxico e as regras categoriais. Atualmente, o léxico recebe uma posição mais independente e as regras categoriais, além das provisões da teoria X', são derivadas do léxico. Portanto, as regras categoriais são superfúas na teoria atual. O "output" deste componente ainda pode ser considerado como o "input" da estrutura profunda.

Binding - (vinculação): a relação de vinculação é extremamente importante na teoria atual. De forma simples, um elemento  $\alpha$  liga um elemento  $\beta$  e somente se  $\alpha$  c-comanda  $\beta$  e  $\alpha$  e  $\beta$  são coindexados. Subtipos de vinculação são: "vinculação-A" -  $\alpha$  liga  $\beta$  e  $\alpha$  está numa posição argumental; "vinculação-A'" -  $\alpha$  liga  $\beta$  e  $\alpha$  está numa posição não argumental; "vinculação local" -  $\alpha$  liga  $\beta$  e  $\alpha$  é o primeiro antecedente "acessível" a  $\beta$ .

BINDING - (VINCULAÇÃO): este, como se vê, obviamente é um uso especial da noção de vinculação. Esta "VINCULAÇÃO" inclui cosuperscripting e cosubscripting. É, por exemplo, a relação entre o sujeito de S e CON.

Bounding - (restrição por limites frasais): esta subteoria da teoria atual é relacionada à noção de subjacência e estabelece as restrições sobre regras de movimento ou interpretação e a "distância" sintática possível entre os dois termos sendo relacionados (cf., também, subjacency).

Case - (Caso): esta noção não deve ser confundida com a noção de "caso" em línguas clássicas (o grego, o latim etc.). É algo mais abstrato, derivado sintaticamente. Segundo certos autores, Caso é uma propriedade inerente a certos "nódulos" atribuído a outros nódulos em determinadas situações (quando o nódulo de Caso "rege" o nódulo a receber o Caso ou um vestígio dele). Na minha perspectiva, porém, Caso é uma propriedade independente atribuída através de relações sintagmáticas entre nódulos. Os Casos mais importantes na teoria atual são: (i) nominativo - atribuído ao SN de S por CON; (ii) objetivo - atribuído ao SN de V' (ou V'') por V; (iii) oblíquo - atribuído ao SN de P (= preposição); (iv) genitivo - este Caso é menos entendido. Em inglês ou português ele é normalmente atribuído às preposições 'of' e 'de', respectivamente. O "filtro de Caso" é extremamente importante na teoria atual e diz que: cada SN lexical (com realização fonética) tem que ser um membro de uma "cadeia" que recebe Caso. Uma cadeia recebe o Caso se um dos membros da cadeia recebe Caso.

CASE - (CASO): um elemento gerado sem conteúdo pela base que é um componente (de cada item nominal) que serve como receptor para o Caso (aquilo em que o Caso se encaixa).

Categorial Component - (componente categorial): na teoria padrão, o componente categorial gerava os marcadores frasais da estrutura profunda. Atualmente, este componente é, pela maior parte, redundante, sendo derivado da teoria X' e do léxico.

C-Command/Constituent Command - (c-comando): este princípio é relevante a vários aspectos da teoria, especialmente às subteorias de vinculação e regência.  $\alpha$  c-comanda  $\beta$  se e somente se nenhum dos dois "domina" o outro e o primeiro nódulo ramificante domine  $\alpha$  e este domine  $\beta$ .

Coindexing - (coindexação): uma relação de coreferencial formalmente estabelecida entre dois termos por índices referenciais. Isto pode ser feito por superscripting (no caso de CON e SN de S), por "move- $\alpha$ " ou por subscripting (no caso de expressões nominais etc.), ou pela teoria de controle em relação ao sujeito PRO de infinitivos.

Competence - (competência): o conhecimento internalizado de uma língua por um falante nativo desta mesma língua (ver "autonomia de competência").

Complementizer/COMP - (complementizador/COMP): este nódulo de S' é usado para fazer várias previsões sobre o funcionamento de várias regras de movimento. Mais recentemente tem sido sugerido que o COMP é o indicador principal se uma sentença é afirmativa ou interrogativa. Sua função básica era de introduzir sentenças subordinadas embora atualmente várias hipóteses existam sobre suas funções (como as mencionadas acima) em cláusulas matizes.

Conditions - (condições): é uma série de limitações sobre derivações ou/e interpretações (ver a condição "A-sobre-A"). Algumas das condições mais importantes (mas não necessariamente em vigor atualmente, sendo a maioria derivada de outros princípios) são:

(1) NIC/Nominative Island Constraint - (restrição às "ilhas nominativas"): um elemento anafórico com Caso nominativo não pode ser livre

em S'. Logo, (i) é agramatical e (ii) é gramatical: (i) Quanto ao João<sub>1</sub>, v<sub>1</sub> bateu; (ii) Quem<sub>1</sub> foi que você bateu v<sub>1</sub>?

(2) PIC/Propositional Island Constraint (restrição às "ilhas proposicionais"): uma versão anterior da NIC.

(3) RES(NIC) - (resíduo da NIC): variáveis não devem obedecer à NIC se são análogas a expressões-R e não elementos anafóricos (conforme Chomsky, 1981b, interalia). Porém, em certos casos estes elementos de fato parecem obedecer à NIC. Segundo Chomsky (1981b:231ss), a semelhança entre a NIC e estes casos é superficial e o que é envolvido é um princípio independente. Inicialmente, isto foi chamado de RES(NIC); atualmente, este princípio é conhecido como ECP (cf. abaixo).

(4) SSC/Specified Subject Constraint - (restrição ao sujeito especificado): atualmente, esta restrição é conhecida como "opacidade" (ver abaixo).

Control - (controle): esta subteoria determina os antecedentes possíveis de PRO. Os fatores relevantes incluem propriedades lexicais ao verbo matriz; considerações pragmáticas etc. Por exemplo, em "João persuadiu Sérgio a sair", sabemos, pela natureza do verbo "persuadir", que o sujeito de "sair" (PRO) é coreferencial a "Sérgio" e não a "João". Este tipo de consideração recai sob a subteoria de controle.

Core Grammar - (gramática nuclear): isto é uma abstração da noção de gramática. Segundo esta idealização, uma "gramática nuclear" é o que o componente linguístico da mente desenvolveria se tivesse uma experiência completamente homogênea para "fixar" os parâmetros da "gramática universal". As regras da gramática nuclear são maximamente gerais (incluindo, por exemplo, transformações como "mova-~~o~~" vs. regras como "apassivação" etc.).

Coreference - (coreferência): a interpretação de duas expressões nominais em que as duas são idênticas quanto ao seu referencial.

Crossover - (cruzamento): este fenômeno, identificado primeiro por Postal (1971), se vê em exemplos como (i) e (ii):

(i) (a) ? Quem<sub>i</sub> seu<sub>j</sub> pai viu ---<sub>i</sub> ?

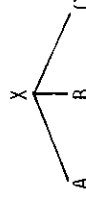
(b) Quem<sub>i</sub> viu seu<sub>j</sub> pai ?

(ii) \* Ele<sub>i</sub> viu quem<sub>j</sub> ?

Em (ia), quem<sub>i</sub> precisa cruzar um pronome coreferente (seu<sub>j</sub>) ao mover da sua posição na estrutura profunda para sua posição superficial (COMP). O resultado é uma oração estranha. Em (ib), não há cruzamento, uma vez que o quem<sub>i</sub> não precisa cruzar nenhum (pro)nome coreferente para chegar em COMP. Em (ii), há cruzamento de novo. Porém, note-se que o resultado em (ii) é muito pior do que em (ia). Isto deve-se ao fato de que em (ii) o pronome c-comanda o elemento movido (quem) na sua posição na estrutura profunda enquanto o pronome em (ia) nunca chega a c-comandar o quem em nenhum ponto da derivação de (ia). Para distinguir entre as duas variedades do cruzamento, o tipo ilustrado em (ib) chama-se de cruzamento fraco e o de (ii) de cruzamento forte.

Cyclicity - (ciclicidade): esta hipótese diz que todas as regras gramaticais aplicam-se primeiro aos "nódulos cíclicos" (SN e S) mais baixos numa "árvore" (estrutura sintática) e, depois, aos nódulos sucessivamente mais altos. Nenhuma regra, nesta hipótese, pode tomar conhecimento de uma informação mais alta na árvore.

Daughter Node - (nóduo imediatamente subordinado): numa estrutura como:



A, B e C são "filhos" de X.

Deletion - (apagamento): este conceito tem sofrido várias mudanças no desenvolvimento da teoria. Atualmente, ele se refere ao processo que elimina as empty categories antes das regras do componente fonético. Em certas variantes da teoria, certos casos de apagamento de elementos não vazios em COMP são obrigatórios.



Descriptive Power - (poder descritivo): o poder matemático de uma teoria de atribuir uma caracterização estrutural às sentenças de uma determinada língua. Na teoria de Aspects este poder era relativamente irrestrito, dando descrições estruturais não somente às sentenças gramaticais, mas era capaz de gerar qualquer sentença gramatical a partir de qualquer estrutura profunda.

D-Structure - (estrutura-P): é um resultado do desenvolvimento da noção de "estrutura profunda". Sua função básica na teoria atual é o de especificar as relações temáticas nas expressões nominais. A contribuição da estrutura P à interpretação semântica é quase nula exceto por algumas consequências semânticas das mudanças nas relações temáticas depois de "Mover- $\alpha$ ".

Dislocation - (deslocamento): normalmente, se usa este termo como uma forma mais curta de Left-Dislocation (deslocamento à esquerda). É o tipo de transformação que relaciona sentenças como: "João é o meu amigo" e "Quanto a João, ele é o meu amigo". Num outro uso do termo, ele se refere a qualquer tipo de movimento.

Disjoint Reference - (referência disjunta): quando as regras de interpretação, através da teoria de vinculação, são proibidas de identificar duas expressões nominais como coreferentes, então elas estão numa relação de "referência disjunta". Outra maneira de conceituar isso é como uma regra que diz que dois termos são disjuntos devido à configuração sintática em que ocorrem.

Empty Category - (categoria vazia): as expressões nominais não são obrigadas a terem uma realização fonológica na teoria atual. Uma tipologia proposta para estas "categorias vazias" são as expressões nominais sem realização fonológica que distinguem entre variáveis, elementos anafóricos, PKU, e pro. Os traços sintáticos propostos para esta tipologia são:

- (i) [+ anafórico, - pronominal] - vestígios produzidos por "Mover- $\alpha$ ";
- (ii) [+ anafórico, + pronominal] - PKU (segundo a teoria de vinculação, um elemento anafórico tem que ser "ligado" a sua "categoria de regência", enquanto um elemento pronominal tem que ser "livre" na sua categoria de regência. Logo, qualquer elemento [+ ana.] e [+ pro.] é proibido de ter uma realização fonológica e, portanto, só pode ser PRO);

(iii) [- anafórico, - pronominal] - expressões-R (João, o gato, etc.); variáveis (variáveis são distinguidas dos vestígios por serem ligados por quantificadores ao invés de Sns);

(iv) [- anafórico, + pronominal] - pronomes e o elemento "pro" sugerido para a posição do sujeito vazio em línguas como o português que manifestam construções tais como "pro veio".

PRO e pro são inseridos pelas regras de base enquanto que as demais categorias vazias resultam de "Mover- $\alpha$ ".

Empty Category Principle - (princípio das categorias vazias): segundo este princípio, as categorias vazias precisam ser "propriamente regidas" (ver 'proper government').

Empty Subject Filter - (filtro de sujeito vazio): todas as sentenças gramaticais ou possuem um sujeito (não necessariamente com realização fonológica), ou são agramaticais.

Exceptional Case Marking - (marcação excepcional de caso): normalmente, o verbo matriz não pode atribuir Caso através da fronteira S'. Portanto, em sentenças como [s João falou [s' que [s ele podia ir]]] (cf. o inglês, sem o complementizador, [s John said [s' he could go]]), nem ele, nem he é marcado por Caso objetivo (mas sim, por Caso nominativo). Isto é, os verbos falar e say não atribuem Caso através de S'. Por outro lado, em certas línguas, como o inglês, existe uma classe de verbos que possui a propriedade de apagar o núcleo S' da sentença subordinada e, portanto, atribuem Caso ao sujeito desta sentença. Veja o exemplo do inglês:

John believes him to be a fool.

Obviamente, him não expressa o conteúdo da crença de John, ou seja, him é o sujeito da S encaixada. Mas him não receberia Caso nesta construção do verbo to be, sendo este verbo uma forma infinitiva. Logo, ou him recebe Caso de believes, ou a sentença é agramatical. Portanto, o verbo apaga o S' e atribui Caso objetivo a him.

Extended Standard Theory - (teoria padrão ampliada): a partir de 1971, devido às propostas do importante artigo de Chomsky "Deep Structure, Surface Structure and Semantic Interpretation" a "teoria padrão" de Aspects of the Theory of Syntax (Chomsky (1965)) começaram a aceitar formalmente o papel da estrutura superficial na interpretação semântica. Esta "teoria padrão

ampliada" foi também marcada pelas sugestões de Chomsky (1973) "Conditions on Transformations" de que regras de movimento deixavam "vestígios" nas posições das quais os SNs foram deslocados.

Filters - (filtros): há muitos "filtros" propostos na literatura, dos quais mencionamos apenas um exemplo aqui. Primeiro, vamos propor uma definição para a "noção geral de filtro". Foi notado por Ross (1967), interaliã, que várias transformações produzem sentençasagramaticais, a não ser que fossem restritas de alguma forma. Ele propôs uma entidade teórica, a "condição" que eliminava os resultados inaceitáveis de várias transformações que seriam aplicadas a certas estruturas se não fosse pelas condições de Ross. Portanto, a tese dele foi recebido muito positivamente, uma vez que ele resolveu uma série de problemas específicos desta natureza. Mais tarde, porém, outros notaram que, mesmo restringindo as transformações através destas condições, certas construções eram produzidas que os falantes nativos rejeitavam. Ou seja, algo estava influenciando estas sentenças depois das transformações. Portanto, a noção do filtro foi desenvolvida como uma tentativa de explicar estes fenômenos. Por exemplo, por que é que o português não permite construções como \*que t: \*quem<sub>i</sub> você falou que t<sub>i</sub> vinha? Este filtro o \*[that t] filter de Chomsky e Lasnik (1977) não pode ser interpretado como uma restrição às transformações, mas precisa ser aplicado depois delas. Por outro lado, outros filtros foram propostos para explicar certos fenômenos sem a necessidade de colocar restrições sobre as derivações (e sim sobre resultados, output). Atualmente, a posição dos filtros na teoria é questionável, com vários pesquisadores propondo a derivação dos efeitos dos filtros através das subteorias do caso, regência, vinculação etc.

Free - (livre): ser "livre" ou não é algo determinado pela teoria de vinculação. Um elemento é livre se numa determinada estrutura ele não é obrigatoriamente coreferencial a algum antecedente. A formalização desta noção é algo como: um elemento nominal B é regente somente se não há nenhum elemento A em X, tal que B é obrigatoriamente coreferencial a A pela teoria de vinculação.

Elementos pronominais podem ser "livre-A" (não ligados a nenhum antecedente numa posição argumental) ou "livre-A'" (não ligados a nenhum antecedente numa posição não argumental).

Function Chain - (cadeia de funções): definimos uma cadeia por dizer que:

$$C = (\alpha_1, \dots, \alpha_n)$$

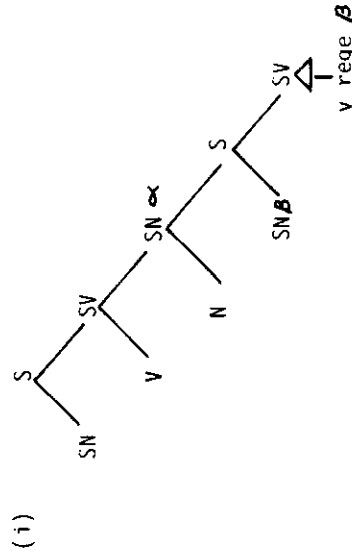
é uma cadeia se e somente se:

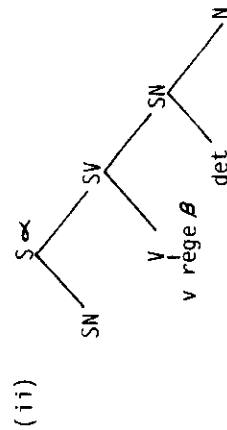
- (a)  $\alpha_1$  é um SN (normalmente numa posição S);
- (b)  $\alpha_i$  liga  $\alpha_{i+1}$  e ocorre na mesma categoria regente de  $\alpha_{i+1}$ ;
- (c) para  $i > 1$  (i)  $\alpha_i$  é uma categoria vazia não pronominal ou (ii)  $\alpha_i$  é livre-A;
- (d) C é máxima (não é nenhuma subsequência própria de uma cadeia).

Generative Power - (poder gerativo): o poder gerativo de uma teoria Lingüística é divisível em dois subtipos:

- (i) Poder gerativo fraco - uma teoria geraria "fracamente" uma língua (produziria todas as sentenças gramaticais desta língua). Este conceito já não tem muita significância na teoria;
- (ii) Poder gerativo forte - uma teoria gera fortemente uma análise estrutural para as sentenças de uma determinada língua (ou seja, para cada sentença (S<sub>1</sub>, ..., S<sub>n</sub>) da língua L, a teoria gerará uma descrição estrutural para cada S<sub>j</sub>. Este conceito continua extremamente importante na teoria.

Governing Category - (categoria de regência):  $\alpha$  é a categoria de regência de B se e somente se  $\alpha$  é a categoria mínima que contém B e o elemento que rege B e  $\alpha = SN$  ou S. Por esta definição,  $\alpha$  não é a categoria regente de B em (i), mas o é em (ii):

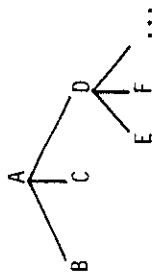




Government - (regência): há várias subteorias da noção básica de regência. Aqui apresentaremos apenas a definição básica:  $\alpha$  rege  $\beta$  se e somente se:

- (a)  $\alpha = X^0$  (a mínima projeção de X na teoria X);  
 (b)  $\alpha$  c-comanda  $\beta$  e se algum  $\gamma$  c-comanda  $\beta$  então ou  $\gamma$  c-comanda  $\alpha$  ou é c-comandado por  $\beta$ .

Caso é atribuído através de regência. Assim:



B rege C e F rege E, mas F não rege B nem C.

Governor - (regente): um elemento  $\alpha$  (N, V, A ou P) (o núcleo de uma locução SN, SV, SA ou SP) é o regente de  $\beta$  se e somente se as condições de regência são obtidas.

Grammatical Function - (função gramatical): funções gramaticais (ou relações gramaticais - sujeito, objeto etc.) não são elementos dados na teoria mas, ao contrário, são derivadas (como em Aspects) das relações configuracionais entre marcadores de frase. Porém, elas são importantes na teoria. Há pelo menos quatro perspectivas através das quais podemos classificar as funções gramaticais:

- (i) A - GFs: funções gramaticais de elementos em posições argumentais (sujeito, objeto etc.);  
 (ii) A' - GFs: funções gramaticais de elementos fora de posições argumentais (COMP, INFL etc.);  
 (iii) GF -  $\theta$ s: funções gramaticais de elementos que também recebem relações temáticas (agente, paciente etc.);

(iv) GF -  $\theta$ 's: funções gramaticais de elementos que não recebem relações temáticas (sujeito de verbos tipo 'parecer' etc.).

Index - (índice): o índice de uma expressão nominal, N, em certas formas da teoria é um indicador da referência possível a N. Na minha teoria modificada, a função de um índice é unicamente a de marcar as expressões nominais na interpretação lógica (e semântica). Os índices podem ser atribuídos por co-"subscrição" ou co-"subscrição". O primeiro termo se refere a relações de coreferência em que a teoria de vinculação não se aplica (como a relação entre o SN de S e CON de S). As demais relações de indexação são estabelecidas por subscrição. O índice é geralmente representado por um número (1, ..., n).

Indexing - (indexação): se refere ao processo pelo qual os índices são atribuídos às expressões nominais. Atualmente, este processo é "livre", isto é, qualquer índice pode ser dado a qualquer expressão nominal (identidade ou diferenças de índices entre duas ou mais expressões nominais implicam em coreferência ou referência disjunta). A teoria de vinculação elimina as indexações agramaticais (ver index, acima).

INFL(ectio) - (FLEX(ão)): este módulo, semelhante ao antigo AUX de Aspects, é gerado sob S e contém, normalmente, tempo e/ou concordância. Quando possui tempo, "FLEX" sofre fusão com o verbo principal. O nível gramatical em que esta regra se aplica, segundo Chomsky, distingue entre as línguas como o português, que permite sentenças como "veio João" e o francês que não as permitem. Há várias implicações teóricas na caracterização exata de FLEX e, portanto, esta noção é extremamente importante na teoria atual. A regra categórica de INFL é: INFL [ ± tempo ], (CON) ].

Interpretative Components - (componentes interpretativos): dada a teoria da autonomia da sintaxe, toda a informação necessária para a realização fonética ou representação lógica de uma sentença se encontra na estrutura S. Portanto, os componentes fonético e lógico interpretam a sintaxe e são chamados de componentes interpretativos. Esta questão é interessante atualmente, dada a possibilidade de gerar novas estruturas na forma lógica. Porém, é claro que as transformações etc. na forma lógica só são possíveis através da informação de sintaxe.

Islands - ("ilhas"): várias construções como SWS complexos, locuções tipo WH etc. não permitem a extração de nenhum constituinte delas. Logo, condições como A-sobre-A, subjacência etc. são obviamente ligadas a estas restrições. Estes constituintes, que funcionam como se fossem ilhas independentes do resto da construção, provavelmente impliquem na existência de restrições perceptivas, etc. ligadas a outros sistemas mentais.

Landing Site - ("campo de pouso"): este termo provém na sua maior parte, do trabalho de Baltin, e representa uma teoria sobre o tipo de constituinte ou construção que funciona como o alvo de uma regra de movimento. Em outras palavras, ele tenta responder à pergunta "para onde podem ser movidos os constituintes que sofrem "Mover-~~ex~~" ? "

Lexicon - (léxico): especifica vários traços de morfemas/formativos (as "entradas" lexicais). Atualmente, a subcategorização do verbo é o ponto crucial da teoria sobre o léxico. Quais são as relações temáticas e os argumentos subcategorizados pelo verbo? O "Princípio de Projeção" faz parte do léxico e requer que cada posição argumental do verbo seja preenchida em todos os níveis sintáticos (por categorias foneticamente realizadas ou vazias). Logo, a teoria de vestígios é, em parte, derivável deste princípio de projeção e do léxico.

Locality Conditions - (condições de distância estrutural): estas condições formam uma teoria sobre possíveis relações (estabelecidas por transformações ou regras de interpretação) entre os constituintes. Estas condições incluem as noções de subjacência, ilhas etc. Ver a discussão de subjacência para um exemplo concreto de uma locality condition.

Logical Form - (forma lógica): este é um dos dois componentes interpretativos da gramática, traduzindo as representações da estrutura-S numa linguagem lógica que serve de base para a interpretação semântica. Transformações (como "absorção", acima) são possíveis na forma lógica e é possível que hajam níveis distintos - como uma FL' vs. FL (análogos à noção de estrutura profunda vs. estrutura superficial).

Markedness - (teoria de elementos marcados): a teoria sobre os elementos "marcados" se preocupa principalmente com a natureza da chamada "gramática universal". Quais são os aspectos desta gramática que são determinados a priori que vêm antes da experiência? Estes elementos devem ser os mais

gerais e comuns através de um espectro amplo de línguas. Esta teoria é intimamente relacionada com noções como a gramática nuclear, "Mover- ", teoria de sintaxe X', etc. A noção de parâmetros entra aqui também. Certos parâmetros servirão para "fixar" para a criança, através de sua experiência, uma determinada gramática nuclear. Nesta gramática, certos elementos serão marcados (exceções menos gerais, mais difíceis de aprender etc.) ou não marcados. Neste sentido, nem todos os elementos não marcados são apriorísticos.

Misgeneration - ver Overgeneration

Nominative Island Constraint (NIC) - (restrição de ilhas nominativas): esta restrição é observada atualmente por outros princípios. Mas, já que ela representava uma época importante no desenvolvimento da teoria, definimo-la aqui. Basicamente, esta condição proíbe que o sujeito de uma cláusula com tempo (ou seja, um sujeito nominativo) seja ligado. Isto é uma parte da noção de opacidade (ver opacity, abaixo). Por exemplo, segundo a NIC, não é possível interpretar 'ele' de (i) como obrigatoriamente coreferencial a João:

(i) "João disse que ele vinha"

'ele' é "livre" neste exemplo devido à NIC (num estágio anterior da teoria).

Non-Configurational Languages (W\*) - (línguas não configuracionais): o exemplo clássico deste conjunto de línguas é o walbiri da Austrália. Hale (1981) chamou este tipo de língua de W\* (vs. as línguas que possuem sintaxe do tipo X', como o inglês, o português etc.). Nestas línguas não é necessário que a forma superficial reflita "nenhuma" organização linear dos constituintes, sendo estes interpretados através do caso etc. (atribuído na estrutura-U). Saber se está enfrentando uma língua W\* ou não, é um dos parâmetros estabelecidos pela experiência que são permitidos pela gramática universal. Outra língua W\* seria, por exemplo, o japonês.

NP-Movement - (movimento-SN): durante muito tempo no desenvolvimento da teoria atual, uma distinção era proposta entre regras de movimento para as posições argumentais (movimento-SN) e o movimento para posições não argumentais (como o nóculo COMP - o movimento WH). Chomsky (1977a; 1981b; etc) reduziu todas as regras de movimento a uma só regra - "Mover-~~ex~~". Estudos recentes têm questionado esta redução, mas, por enquanto, ela continua aceita pela maioria dos proponentes da teoria. Ver WH MOVEMENT.

Null Category - (categoria nula): esta categoria é distinguida das categorias vazias por não ter nenhum traço sintático ou fonológico. As categorias vazias, por outro lado, possuem traços sintáticos (de gênero, número etc.), sem traços fonéticos. Na estrutura-D somente a categoria nula pode aparecer nas posições não  $\theta$ s (as que não são marcadas para uma relação temática).

Opacity - (opacidade): certas configurações ou posições não permitem que suas expressões nominais sejam ligadas. Os dois ambientes "opacos" são: (i) o sujeito de uma cláusula com tempo (NIC); e (ii) o domínio de um sujeito (diferente de uma expressão nominal mais alta e que ocorre entre esta expressão nominal e outro elemento, geralmente pronominal) ou SSC (ver a specified subject condition). Já que regras de vinculação não são aplicáveis nestes ambientes, eles são chamados de "opacos".

Overgeneration - (geração excessiva): certos componentes da teoria atual geram estruturas agramaticais que são depois eliminadas por outros princípios. É comum chamar este fenômeno de "geração excessiva", embora, uma vez que a teoria completa não permite estruturas agramaticais, não seja correto dizer que a teoria "sobregera". Isso é também conhecido como misgeneration, mas os dois termos são imprecisos pelas razões que acabo de mencionar.

Parameters - (parâmetros): a criança nasce com uma "gramática universal" que permite a existência de vários subtipos de gramáticas determinados por certos parâmetros que são aprendidos (através da experiência linguística). Por exemplo, uma criança brasileira aprende em certas situações que a presença de um sujeito lexical não é obrigatória ("veio") ou pode mover para a posição pós-verbal ("veio João"). Este seria o pro-drop parameter (parâmetro de fusão sintática de CON). Uma criança que aprende walbiri ou japonês terá a sua gramática "limitada" pelo parâmetro  $W^*$ .

Percolation Projection - (projeção de percolação): esta noção, sugerida por Kayne (1981b) é utilizada em certas formulações do LCP e da noção de regência. Para entendê-la é necessário reconhecer a relação especial que existe entre, por exemplo, certos verbos e posições no inglês (em outras línguas talvez existam relações entre outras categorias). Assim, em sentenças como (i) e (ii) (o famoso caso de verbo + partícula do inglês):

(i)  $Who_1$  did you vote for  $v_1$   
 (ii)  $What_1$  did you talk to Mary about  $v_1$   
 dizemos que o verbo e a preposição que rege o vestígio são cosuperscritos com o mesmo índice: "...Votei for<sub>1</sub> ..." j "...talk<sub>1</sub> about<sub>1</sub> ...". Isto seria uma maneira de especificar a relação mais íntima entre certos Vs. e A. Outro exemplo seria:

(iii) Look up there!

"Othe lá para cima"

(iv) Look up John, when you get there.

"Procure João quando você chegar"

Em (iv) há co-indexação do verbo e a preposição, mas não há em (iii).

Agora podemos definir uma projeção de percolação como:

A é uma projeção de percolação de B se e somente se A é uma projeção de B (na teoria X' -  $X'/X''$ ); ou A é uma projeção de C e C tem o mesmo índice superscrito de B e rege uma projeção de B ou uma projeção de percolação de B.

Phonetic Form (PF) - (forma fonética): é um dos dois componentes interpretativos que lê a estrutura-S para produzir uma frase fonológica. Este componente é "levado em consideração" depois das regras de apagamento (que apagam as categorias vazias etc.).

Pleonastic Elements - (elementos mudos): estes elementos são inseridos em posições subcategorizadas que recebem caso, mas que não foram preenchidas (por "Mover- $\alpha$ " etc.). Estes elementos não são necessários em línguas que tem o pro-drop parameter (como o português), mas são obrigatórios nas demais (como o francês il; o inglês it, there).

Pisa Lectures - (palestras de Pisa): são uma série de palestras proferidas por Chomsky na Scuola Normale Superiore de Pisa, Itália, em abril de 1979. Nestas palestras Chomsky propôs as revisões que resultariam na "teoria de regência e vinculação" (a teoria atual), ou seja, a REST (cf. abaixo).

Pragmatics - (pragmática): antigamente, de 1957 a 1970 (?), a teoria gerativa definia o desempenho como o resíduo de fatores assistemáticos que afetam o uso da língua (problemas de memória, impedimentos da fala etc.). Porém, devido ao grande número de estudos desenvolvidos por sociólogos (entre outros) que mostravam vários fenômenos sistemáticos dentro daquilo chamado de desempenho, foi proposto outro sistema de competência, autônoma

da competência lingüística - a pragmática. Segundo a teoria atual, a competência pragmática é usada para regular o uso da língua, conforme a situação social, etc.

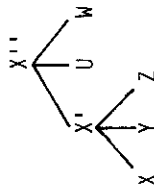
Preposition Stranding - (isolamento de preposições): certas línguas, como o inglês, permitem o movimento de um SN de dentro de um SP:

"John<sub>1</sub>, I think a lot of v<sub>1</sub>"

PRO - (PRO): um elemento pronominal sem realização fonética. PRO é [+ anafórico, + pronominal]. Também, PRO não pode ser regido (e, portanto, não poderia ser o sujeito de uma cláusula sem tempo). A referência de PRO é determinada pela teoria de controle.

Projacency - (projacência): uma modificação da noção de "adjacência" proposta por Safir (1982). Projacência diz que:  $\alpha$  é adjacente por projeção (= projacente) a  $\beta$  se  $\exists A = \alpha \ n$  ( $\alpha$  n sendo uma projeção de  $\alpha$  na teoria X') tal que A é adjacente a  $\beta$ . Assim, em (i), abaixo, X é projacente a U e Y, mas não a Z ou W:

Esta noção é importante para a teoria de regência porque especifica melhor as relações de regência. Por exemplo, neste diagrama X rege Y e U, mas não Z ou W.



Projection Principle - (princípio de projeção): este princípio é um elemento integral da teoria do léxico. Ele diz que as propriedades de marcação -  $\theta$  de cada item lexical precisam estar presentes a cada nível sintático. Por exemplo:

(i) Who(m)<sub>1</sub> did you hit v<sub>1</sub>

(ii) You hit who(m).

(ii) seria a estrutura-D de (i). Mas segundo o "princípio de projeção" o vestígio (coindexado com who(m)) de (i) é obrigatório uma vez que hit é transitivo e marca uma posição  $\theta$  de paciente.

Pronoun - (pronome): são expressões nominais que podem ser "dêiticas" ou "ligadas" em relação à sua referência numa determinada sentença. Pronomes nunca são obrigatoriamente ligados (ao contrário de elementos anafóricos como 'se', 'te' etc.). Pronomes são distinguidos de "expressões-R" (ver

R-Expressions) porque "expressões-R" nunca possuem antecedentes enquanto os pronomes podem tê-los.

Proper Government - (regência própria): este conceito foi introduzido para permitir que elementos que não pertencem a N, V, a ou P rejam expressões nominais em certos casos. Agora, o elemento que a rege pode ser um de N, V, A ou P ou apenas coindexado com a expressão regida. Em línguas pro-drop isto inclui CUN, porém, CON não pode reger em línguas não pro-drop. Dado este princípio, dizemos que todas as categorias vazias, menos PRO e talvez FLEX (cf. Safir), precisam ser "propriamente regidas". Este princípio (ECP) elimina uma série de outras condições, como a NIC.

Quantifier - (quantificador): os quantificadores da teoria não são equivalentes aos quantificadores da lógica filosófica, embora sejam semelhantes. O tipo de quantificador que mais entra em discussão na teoria (May (1982), por exemplo) é o conjunto de quantificadores -WH ('que', 'quem' etc.). Quantificadores vinculam-A' seus vestígios (que são por sua vez variáveis e não vestígios comuns). As regras que governam o movimento (e outras propriedades) de quantificadores são parte da teoria da forma lógica. É possível que haja movimento de quantificadores na FL mesmo em línguas que não manifestam movimento ao nível sintático (como Huang (1982)).

Raising - (alçamento): na teoria atual o único tipo de alçamento permitido é o de sujeito a sujeito. O tipo comum de sujeito a objeto da teoria padrão não é permitido mais. Portanto, sentenças como (i) apresentam análises não baseadas em alçamento:

(i) "John believes him to be incompetent" (ver Exceptional Case Marking, acima)

Reanalysis - (reanálise): uma regra que resulta no apagamento de limites frasais e a fusão de categorias sintáticas. É especialmente comum em construções de verbo + preposição do inglês:

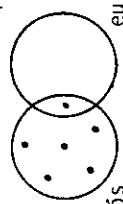
(i) [ [ he ] [ slept [ in the bed ] ] ]  
S SN SV SP

(ii) [ [ The bed ] [ was slept in v ] ]  
S SN I SV I

Reference - (referência): há várias noções e "subnoções" relacionadas à referência na teoria:

- (i) referência arbitrária - em certas construções a referência de PRO é relativamente difícil de especificar como em "PRO está chovendo". Neste tipo de caso diríamos que a referência de PRO é arbitrária, já que seria difícil aceitar uma pergunta como "O que está chovendo?";
- (ii) referência disjunta - dois SNs estão numa relação de referência disjunta quando a sintaxe proíbe que eles sejam coreferentes referências são completamente distintas);
- (iii) referência livre - uma expressão-R é sempre livre, ou seja, nunca tem um antecedente. Um pronomine é livre em certas construções quando não é ligado (não possui nenhum antecedente obrigatório);
- (iv) referência inerente - uma expressão nominal tem referência inerente quando é uma expressão-R ou um pronomine dêitico. Um elemento anafórico nunca tem referência inerente e, portanto, sempre precisa ser ligado a um antecedente para ser interpretado;
- (v) falta de referência independente - qualquer expressão nominal sem referência inerente (ou ligada);
- (vi) overlapping - quando uma expressão nominal é interpretada como um sub-conjunto de outra como no caso abaixo, a referência é overlapping:

- (i) Nós1 dissemos que eu3DI vou.
- A coreferência entre 'eu' e 'nós' é possível. Porém, já que 'nós' é um conjunto extensivamente maior do que 'eu', a referência é de overlapping:



- (vii) referência potencial - duas expressões nominais que podem (mas não são obrigadas a ter) uma relação de coreferência;
- (viii) split - quando três ou mais expressões nominais numa determinada

Si têm coreferência potencial, mas não obrigatória, certas interpretações de Si resultam em coreferência parcial entre as três, como em:

João e Márcio pensaram que eles devem ir. 'João' e/ou 'Márcio' podem ser subconjuntos de 'eles'.

R-Expression - (expressão-R): uma expressão nominal que possui uma referência inerente e nunca tem um antecedente (nunca pode ser ligada).

Reindexing - (reindexação): uma regra proposta por Higgenbotham (1980) que atribui a um pronomine o índice de uma variável à sua esquerda (na FL). Esta regra resolveria problemas da interpretação de sentenças como:

Estrutura-S

(i) Todo o mundo esperava que ele ganhasse.

FL (depois de "reindexação")

(ii) para cada  $x(i)$ ,  $x(i)$  esperava que ele(j) ganhasse.

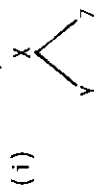
Revised Extended Standard Theory (REST) - (teoria padrão ampliada e revista): este termo se refere à teoria transformacional de Chomsky (1976) até Chomsky (1981b). Nesta teoria a única fonte de informação para a interpretação semântica é a estrutura superficial (ao contrário da EST em que a estrutura profunda também contribui à interpretação da teoria padrão em que somente a estrutura profunda desempenhava este papel). Atualmente, a teoria é chamada mais frequentemente de "teoria de regência e vinculação".

Root Sentence - (sentença raiz): um nóculo S não dominado por nenhum outro nóculo além de S.

Sentence-Bar (S') - (sentença-barras): este nóculo geralmente ocorre à esquerda de uma regra de reescrita como  $S' \rightarrow \text{COMP S}$ . Ou seja, é o nóculo que imediatamente domina o COMP.

Sentence Double-Bar (S'') - (sentença-duas-barras): 0 nóculo que imediatamente domina TÓPICO:  $S'' \rightarrow \text{TÓPICO S}'$

Sister Node (nóculo irmão): em (i) Y e Z são nóculos-irmãos:



Small Clause - (cláusula pequena): este tipo de cláusula é visto em exemplos como:

Estrutura-D (i) SN parece [ João cansado ] (cláusula pequena)

Estrutura-S (ii) João1 parece [ v1 cansado ]

Como se vê em (i) uma "cláusula pequena" é basicamente uma predicação monádica (um argumento/uma proposição).

S-Structure - (estrutura-S): este nível sintático é muito diferente da estrutura superficial da teoria padrão. Suas características básicas são:

- (i) manifesta toda a informação necessária para a interpretação fonética mais
- (ii) as categorias vazias geradas na estrutura- $\bar{U}$  (PRO) ou produzidas por "Mover-";
- (iii) o componente fonológico só se aplica à estrutura-S menos às categorias vazias (ou seja, depois do conjunto de regras de apagamento).

Structure Preserving Constraint - (restrição de preservação de estrutura): esta restrição sobre o componente transformacional foi proposta por Emonds (1976) e diz que nenhuma transformação pode criar uma estrutura não gerada pela base a não ser que seja uma transformação que move, copia ou insere um nó imediatamente sob uma S-raiz.

Stylistic Inversion - (inversão estilística): esta noção foi proposta em Kayne (1975) para distinguir entre dois processos semelhantes, mas distintos no francês. O termo é frequentemente usado na literatura e se refere a sentenças como as seguintes:

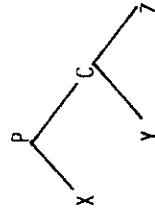
(i) Quand<sub>2</sub> 1 est arrivé 2 Maximilien?<sub>1</sub>  
(na cláusula matriz)

(ii) Je ne sais pas quand<sub>2</sub> 1 est arrivé 2  
Maximilien?<sub>1</sub>. (na cláusula subordinada)

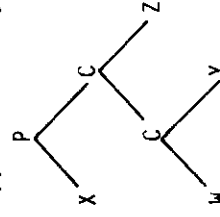
Este tipo de inversão se aplica depois de todas as outras transformações sintáticas, mas, ao contrário de vários outros tipos de inversão, pode acontecer também na cláusula encaixada, com (ii).

Subcategorization - (subcategorização): o conceito de subcategorização já era importante na teoria padrão. Na teoria atual sua importância é maior ainda devido a certas mudanças na teoria do léxico e das regras categóricas (ver também "princípio de projeção"). A subcategorização dos verbos, por exemplo, indica suas propriedades de marcação- $\theta$ , as quais são obrigatoriamente presentes a todos os níveis sintáticos. Dadas as noções de subcategorização e "projeção" e a teoria X', é possível (Chomsky (1982b)) eliminar as regras categóricas da teoria.

Subjacency - (subjacência): esta restrição sobre a aplicação de transformações ou regras de interpretação, embora derivável, na sua maioria, por outros princípios da teoria atual, expressa uma generalização importante sobre (i) a estrutura da gramática universal e (ii) a aquisição da linguagem por uma criança (ver Hornstein e Lightfoot (1981:12)). Um elemento Y é "subjacente" a um elemento X no marcador frasal P se há, no máximo, uma categoria cíclica (SN ou S) C, tal que C  $\neq$  Y e C contém Y e C não contém X. Assim, em (i) Y é subjacente a X:



Porém, em (ii), Y não é subjacente a X:



A condição de subjacência diz, então, que: Nenhuma regra pode envolver X, Y X mais alto na árvore ("superior" a) a Y, se Y não for subjacente a X.

Subject - (sujeito): Esta função gramatical possui várias propriedades interessantes na teoria atual. Primeiro, é obrigatório que toda sentença tenha um sujeito; segundo, o sujeito é distinguível do objeto em função do seu papel mais proeminente na sentença através de certas assimetrias. Por exemplo: (i) o sujeito da sentença matriz pode ser associado mais facilmente com o sujeito PRO da cláusula subordinada do que com o objeto matriz em estruturas de "larga distância" (cf. Chomsky (1981b:78ss)); (ii) não há nenhuma restrição análoga à NIC para objetos; (iii) algamento da cláusula subordinada é só para a posição do sujeito matriz e não do objeto matriz; (iv) somente sujeitos podem ser regidos por fora da sua cláusula (sua "projeção máxima").



SUBJECT - (SUJEITO): é o elemento nominal mais proeminente de uma cláusula (PRO de infinitivos; AGP/CON de S, o SN possuidor de um SN maior). A aplicação desta noção é relativamente complexa, e não será discutida aqui.

Superscripting - (superscrição): ver subscripting e BINDING.

Superiority Condition - (condição de superioridade): esta condição elimina configurações como (i) da estrutura S: (i) It is unclear what<sub>2</sub> who<sub>1</sub> v<sub>1</sub> saw v<sub>2</sub> em que what<sub>2</sub> é superior (mais alto na árvore) a who<sub>1</sub> (este princípio não se aplica à forma lógica). Esta noção é obviamente semelhante à condição A-sobre-A em "desambiguar" a aplicação de regras. Mais precisamente, esta condição afirma que: nenhuma regra pode envolver X, Y na estrutura

... X ... [  $\alpha$ ... Z ... WYV ... ] ...

se a regra se aplica ambigualmente a Z e Y e Z é superior a Y (superior quer dizer basicamente que X é superior a Y, se cada categoria maior que domina X também domine Y, mas não vice-versa).

Surface Structure - (estrutura superficial): em certas formulações da teoria atual a estrutura superficial é a estrutura-S menos as categorias vazias.

Syntactic Component - (componente sintático): ver autonomia de sintaxe, acima, Autonomy of Syntax.

Tacit Knowledge - (conhecimento não consciente): é o conhecimento que o falante nativo tem da sua língua num nível não consciente (ou seja, não é o conhecimento que qualquer falante pode explicar, mas subjaz o usa da linguagem).

Tensed-S Condition - (condição de sentenças com tempo): esta condição é uma formalização de noções implícitas na NIC. (Ver Nominative Island Condition). Ela dizia que: nenhuma regra pode envolver X, Y na estrutura

... X ... [  $\alpha$ ... Y ... ] ...

onde é uma sentença com tempo.

Tense Filter - (filtro de tempo): este filtro foi proposto por Safir (1982) para explicar a "fusão fonética" de FLEX com o verbo. Suas consequências e previsões para línguas sem tempo são intrigantes (cf. tratamento de CON para o pirahã). Este filtro diz que traços de tempo são realizados obrigatoriamente numa base verbal na fonologia.

\* [ that -t ] Filter - (filtro de \* [ que - v (estígio) ] ): este filtro foi proposto em Chomsky e Lasnik (1977) para eliminar estruturas como:

- \* (i) who<sub>1</sub> do you think that v<sub>1</sub> saw Bill?
- cf. (ii) who<sub>1</sub> do you think v<sub>1</sub> saw Bill?

Este filtro, como muitos outros é derivado da teoria atual de outros princípios (neste caso pelas teorias de regência, Caso e ECP).

(Thematic)  $\theta$ -Relations - (relações- $\theta$  (temáticas)): estas relações (como 'agente', 'paciente' etc.) são derivadas de propriedades lexicais dos verbos. Na teoria atual, vários princípios estão relacionados com a noção das relações- $\theta$ :

(i) o critério- $\theta$ : cada termo da FL que requer um papel- $\theta$  (cada argumento) recebe este papel- $\theta$  (e apenas este único papel- $\theta$ ), e cada papel- $\theta$  determinado pelas propriedades de um núcleo (V) é atribuído a um e apenas um argumento (Chomsky (1982b:6));

(ii) traços- $\theta$ : estes traços são relevantes (e "visíveis") na FL para a interpretação semântica;

(iii) posição- $\theta$ : é uma posição na FL à qual um papel- $\theta$  é atribuído;

(iv) marcação- $\theta$ : um verbo marca uma posição (seus argumentos) para um papel- $\theta$ , conforme suas propriedades lexicais. Por outro lado, enquanto a subcategorização só marca posições (Chomsky (1981b:375ss)), a marcação- $\theta$  também marca categorias (vestígios, SNs etc.). Assim, uma categoria pode receber um papel- $\theta$  sem estar numa posição- $\theta$  através de seu(s) vestígio(s) (ver definição de "cadeia", acima);

(v) posição- $\theta$ : uma posição que não recebe um papel- $\theta$  (como o sujeito de verbos como 'parecer').

There Insertion - (inserção de There): esta inserção do elemento mudo do inglês, there, foi proposta originalmente em Chomsky (1955). Em Chomsky (1981b:85ss) esta regra é oferecida como evidência de que certas noções da teoria atual sobre as várias categorias eram implícitas às formulações

anteriores. Por exemplo, como explicamos a relação entre (i) e (ii) (Chomsky (1981b):

- (i) (a) Three men are arriving from England.  
 (b) There are three men arriving from England.  
 (ii) (a) A man is arriving from England.  
 (b) There is a man arriving from England.

Em (i), pressupondo a regra de concordância entre o verbo e o sujeito do inglês, o sujeito é obviamente interpretado como plural em (i) (a) e (b). Por outro lado, em (ii) (a) e (b) o sujeito é singular. A explicação é que there, um elemento mudo, é inserido numa posição que já possui traços de números etc. (there certamente não possui tais traços). Este reconhecimento de traços em posições vazias pela teoria anterior é evidência, segundo Chomsky, de que a teoria atual é uma continuação lógica das sugestões iniciais e não um "rompimento com o passado".

Io-Contraction - (contração Io): este fenômeno é também conhecido como "Wanna" Contraction. É importante porque foi uma das evidências iniciais oferecidas a favor da teoria de vestígios (ver Empty Categories). Ademais, uma série de artigos sobre as perspectivas opostas foi produzida em torno do debate sobre a significância desta evidência. Basicamente, as duas perspectivas são:

(a) a teoria atual - segundo esta teoria as diferenças entre os exemplos abaixo resultam da impossibilidade da contração-to através de vestígios com Caso (os de movimento -WH);

(b) Pullum, Postal, et al - a explicação acima não poderia ser a correta já que esta contração existe em vários dialetos "liberais". Os dados básicos são:

- (i) (a) Who do you want to kiss?  
 (b) Who<sub>1</sub> do you want v<sub>1</sub> to kiss you?  
 (ii) (a) Who<sub>1</sub> do you wanna kiss v<sub>1</sub>?  
 (b) Who<sub>1</sub> do you wan(v<sub>1</sub>)na kiss?

Este debate entre as perspectivas (a) e (b) toma muito espaço na literatura, mas até agora a objeção básica de Pullum, et al (de que a explicação dada pela teoria atual não poderia ser uma propriedade da gramática universal) não tem sido respondida satisfatoriamente.

Topicalization - (topicalização): esta regra foi discutida em pormenores por Ross (1967). Na análise dele a topicalização teve a forma de:

$$X - SN - Y \xrightarrow{\text{OPCIONAL}} 2 \# [1 \ 0 \ 3]$$

Atualmente, a topicalização é uma regra de base e não uma transformação (cf. próxima definição abaixo)

TOP-Node - (nóculo-TOP): na teoria atual o nóculo-TOP (o tópico) é gerado na base sob o nóculo S':

$$S' \rightarrow \text{TOP } S'$$

Em outras palavras, a "topicalização" não é um processo transformacional (ver Chomsky (1977a) para uma justificativa).

Trace Theory - (teoria de vestígios): este termo é usado frequentemente na literatura para a teoria atual de Chomsky (que teve sua primeira formalização explícita em Chomsky (1973)). Basicamente, este rótulo se refere a um aspecto da teoria atual, ou seja, o fato de que as regras de movimento (ou "Mover-") deixam "vestígios" das categorias movidas (as quais manifestam traços sintáticos, mas não fonológicos). Segundo Chomsky (1981b:85ss) (cf. There Insertion, acima), a teoria de vestígios é apenas uma continuação lógica, até previsível da "teoria padrão".

Para uma discussão mais ampla das várias "teorias" chomskianas, ver o segundo capítulo desta tese.

Transformation - (transformação): atualmente, através das subteorias de vinculação, regência etc., e condições como a Structure-Preserving Constraint, o componente transformacional tem sido reduzido a uma operação extremamente geral e relativamente irrestrita (em si mesma) - "Mover-~~ed~~". Isto é, qualquer constituinte pode ser deslocado para qualquer posição. As (numerosas) estruturas agramaticais produzidas por "Mover-~~ed~~" serão eliminadas por outros princípios independentes da teoria.

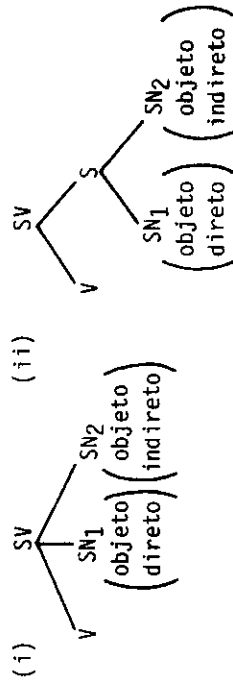
Na teoria atual, a regra "Mover-~~ed~~" pode ser aplicada na sintaxe, na fonologia ou na forma lógica. Ver a discussão da apassivação no segundo capítulo.

Transparency - (transparência): este termo é usado para referir-se aos ambientes não opacos. Ver a discussão acima sobre Opacity.

Unambiguous Paths - (caminhos não ambíguos): este conceito foi proposto por Kayne (1981a) como uma alternativa à noção de "c-comando". Segundo ele, c-comanda não chega a explicar as propriedades de vinculação etc., mas apenas "estipula" quando são aplicáveis.

A noção básica dos "caminhos não ambíguos" é de que existe um "caminho" (na estrutura de uma árvore) entre um termo dependente e seu antecedente. Ele propôs uma formulação que modifica as árvores de tal maneira que estes caminhos ou são formalmente claros (não ambíguos), ou a vinculação não se aplica. As conseqüências destas novas estruturas são vistas em vários aspectos da teoria. Kayne usa as nominalizações como um exemplo claro a favor desta noção.

Por exemplo, (i) representa a estrutura comum de c-comando entre um verbo e seus objetos (para a atribuição de Caso através de "regência" que, por sua vez depende de c-comando (ou caminhos não ambíguos); (ii) representa a modificação sugerida por Kayne:



Em (i), se começarmos pelo SN<sub>2</sub> o caminho para V é ambíguo no sentido de que há dois nós no mesmo nível (SN<sub>1</sub> e V) de SN<sub>2</sub>. Como atribuir o Caso do objeto indireto (objeto ?) a SN<sub>2</sub> e não SN<sub>1</sub>? Segundo Kayne (com certas outras especificações) em (ii) SN<sub>2</sub> é ligado a V por um caminho não ambíguo e, portanto, a atribuição de Caso é clara. Ver Kayne (1981a) para uma argumentação mais detalhada.

Uniformity Principle - (princípio de consistência): este princípio morfológico foi proposto por Chomsky (1981b:126) como uma explicação possível para o fato de que verbos na forma passiva não atribuem um papel-θ aos seus sujeitos quando não há movimento. O princípio diz que:

Cada processo morfológico ou

- (i) atribui um papel-θ consistentemente (uniformly);
- (ii) proíbe consistentemente a atribuição de um papel-θ;
- (iii) atribui um novo papel-θ consistentemente.

Estas condições são satisfeitas dentro de determinadas categorias (SV, S etc.) e um processo morfológico pode satisfazer uma condição numa categoria (como SV) e outra condição em outra categoria (como S).

Universal Grammar - (gramática universal): uma criança nasce com a capacidade de aprender qualquer língua do mundo. Certos elementos "aprendidos" não são acessíveis aos dados lingüísticos encontrados pela criança (como, por exemplo, a condição de subjacência, a NIC etc.). Assim mesmo, a criança segue estas condições. Portanto, o ser humano (segundo este ponto de vista) nasce com certos princípios inatos sobre a linguagem.

Por outro lado, estes princípios são gerais. Ou seja, a criança brasileira não nasce falando o português, mas precisa de uma certa experiência para aprendê-lo. No meio dos dois extremos possíveis:

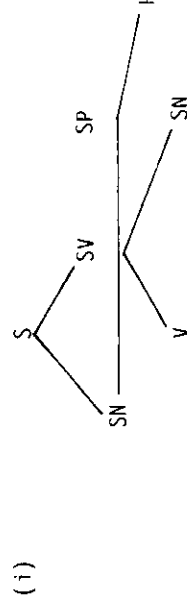
(a) a mente da criança é uma tábula rasa;

(b) a mente da criança é programada para uma determinada língua X, há uma posição que mantém que certos princípios são inatos e que, através da experiência, os "parâmetros" da gramática da criança são fixados.

Esta hipótese "do meio" é a hipótese da gramática universal das teorias influenciadas por Chomsky.

Wanna Contraction: ver To-Contraction

Well-Formedness Condition - (condição de estruturas bem formadas): este conceito diz basicamente que para qualquer operação gramatical, será possível caracterizar formalmente os resultados de tais operações. Por exemplo, na fonologia (autosegmental), uma condição deste tipo é que nenhuma linha de associação entre tons e vogais pode cruzar (ver Goldsmith (1976)). Na teoria sintática uma condição sobre árvores bem formadas elimina estruturas como (i):



Isto é, linhas que representam domínio etc. não podem se cruzar.

Word Formation Rules - (regras de formação de palavras): na teoria morfológica proposta por Aronoff estas regras são propostas para caracterizar o processo de formação de palavras. Nesta teoria as regras (WFRs) são distintas das regras categóricas de base - em função, resultados semânticos, produtividade e outros pontos.

Em Muysken (1981) esta teoria é ampliada para incluir "filtros" (elementos formais para caracterizar as restrições de coocorrência entre classes de afixos) e a interação entre afixação morfológica vs. afixação sintática.

A forma básica de uma regra deste tipo é:

(i) [ N cartas ] → [ N [ N carta ] + ciro ]

Semântica: alguém que (faz algo com) cartas entrega

(ii) [ V conceituar ] → [ N [ V conceituar ] + ação ]

Semântica: o processo de conceituar

Esta teoria do léxico é importante na teoria uma vez que reconhece formalmente a distinção entre a sintaxe e a morfologia, algo relativamente ambíguo na teoria padrão.

Word-Star (W\*) Languages - (línguas W-estrela): ver Non Configurational Languages.

WH - Islands - (ilhas - WH): as cláusulas relativas e outras construções introduzidas por complementadores do tipo 'que', 'quem' etc., são conhecidos como "ilhas-WH", porque normalmente a extração de um elemento é impossível devido às condições normalmente associadas com a noção de ilha como "subjacência", NIC etc. Ver também a definição de "ilhas".

WH - Movement - (movimento - WH): este tipo de movimento estudado detalhadamente em Chomsky (1977a) era distinguido do movimento-SN devido a possibilidade de "escapar" da condição de "subjacência" através do nóulo COMP. Assim, (i) é gramatical; (ii) não é.

(i) (a) Who<sub>1</sub> do you want Bill to hit v<sub>1</sub>?  
 \*(ii) (a) John<sub>1</sub> do you want Bill to hit v<sub>1</sub>?

Estas sentenças teriam as análises estruturais (i) (b) e (ii) (b):

(i) (b) [ S' [ COMP who ]<sub>1</sub> [ S do you want [ S' [ COMP V ]<sub>1</sub> [ S Bill to hit v<sub>1</sub> ] ] ] ]

\*(ii) (b) [ S' [ COMP ] [ S John<sub>1</sub> do you want [ S' [ COMP ] [ S Bill to hit v<sub>1</sub> ] ] ] ]

Em (i)(b) 'John' não passa por COMP sendo este movimento proibido para elementos [-WH]. Sem esta possibilidade, 'John' não pode ser movido para a S mais alta devido à condição de subjacência. Por outro lado, como mostra (i)(b) o vestígio de 'who' no COMP mais baixo liga o vestígio da S mais baixa, escapando da condição.

X-Bar Syntax - (sintaxe X'): esta teoria, proposta por Chomsky (1970) e desenvolvida por Jackendoff (1977), entre outros, procura explicar as relações lexicais e categóricas entre elementos semelhantes mais distintos na estrutura superficial.

Nesta teoria, todas as categorias lexicais, N, A, V, P etc., são exprimíveis em termos de uma variável X. Este elemento X terá variações tipo "projeções" X, X', X'', X''' (máximo) onde é possível especificar a relação entre uma projeção de X, S' (n ≤ 3) e o complemento de X. Por exemplo, em português as regras categóricas teriam uma forma como

V'' → V Complemento: "bateu na bola"  
 V Complemento

"correr para trás"  
 V Complemento

N'' → N Complemento: "camisa azul"  
 N Complemento

"pessoa muito chata"  
 N Complemento

etc.

Portanto, a teoria-X' faz a previsão correta sobre as regras categóricas do português.

Em outras línguas a teoria prevê que ou todas as categorias terão a mesma generalização como  $X^n \rightarrow X^{n-1}$  Complemento, ou a categoria excepcional será de alguma forma "marcada" em relação à gramática universal. Esta previsão é confirmada por estudos tipológicos.

Outra previsão interessante da teoria-X' é que o elemento X' (N', V' etc.) deveria funcionar como um constituinte. Esta previsão era impossível na teoria padrão (cf. Radford (1981)).

Argumentação muito mais detalhada a favor desta teoria se encontra no artigo importantíssimo de Chomsky (1970).

### BIBLIOGRAFIA

- Akmajian, A. & Heny, F.W. 1975. An Introduction to the Principles of Transformational Syntax. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Aronoff, M. 1976. Word Formation in Generative Grammar. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Baker, C.L. 1978. Introduction to Generative-Transformational Syntax. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Bok-Bennema, R. 1981. "Clitics and Binding in Spanish". In: Robert May & Jan Koster (eds). Levels of Syntactic Representation. Dordrecht: Foris.
- Botha, R.P. 1981. The Conduct of Linguistic Inquiry. The Hague: Mouton.
- Bresnan, J. 1970. "On Complementizers: Toward a Syntactic Theory of Complement Types". In: Foundations of Language 6, 297-321.
- \_\_\_\_\_. 1978. "A Realistic Transformational Grammar". In: Morris Halle, Joan Bresnan & George A. Miller (eds.). Linguistic Theory and Psychological Reality. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- \_\_\_\_\_. 1982. "Control and Complementation". In: Linguistic Inquiry 13, 343-392.
- Chomsky, N. 1955. The Logical Structure of Linguistics Theory. publicado em 1975 por Plenum Press, New York.
- \_\_\_\_\_. 1957. Syntactic Structures. The Hague: Mouton.
- \_\_\_\_\_. 1965. Aspects of the Theory of Syntax. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- \_\_\_\_\_. 1970. "Remarks on Nominalization". In: R. Jacobs & P. Rosenbaum (eds.). Readings in English Transformational Grammar. Waltham, Mass.: Ginn and Co.

- \_\_\_\_\_. 1971. "Deep Structure, Surface Structure, and Semantic Interpretation". In: Danny D. Steinberg & Leon A. Jakobovits. Semantics. Cambridge, Mass: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_. 1973. "Conditions on Transformations" In: Noam Chomsky. 1977. Essays on Form and Interpretation. New York: North-Holland.
- \_\_\_\_\_. 1975. Reflections on Language. New York: Pantheon.
- \_\_\_\_\_. 1976. "Conditions on Rules of Grammar". In: Noam Chomsky. 1977. Essays on Form and Interpretation. New York: North-Holland.
- \_\_\_\_\_. 1977a. "On WH-Movement". In: P. Culicover, T. Wasow & A. Akmajian (eds.). 1977. Formal Syntax. New York: Academic Press.
- \_\_\_\_\_. 1977b. Essays on Form and Interpretation. New York: North-Holland.
- \_\_\_\_\_. 1980a. Rules and Representations. New York: Columbia University Press.
- \_\_\_\_\_. 1980b. "On Binding". In: Linguistic Inquiry 11, 1-46.
- \_\_\_\_\_. 1981a. "Markedness and Core Grammar". In: A. Belletti, et. al. (eds.). Theory of Markedness in Core Grammar. Proceedings of the 1979 GLOW Conference, Scuola Normale Superiore, Pisa.
- \_\_\_\_\_. 1981b. Lectures on Government and Binding. Dordrecht: Foris.
- \_\_\_\_\_. 1982a. The Generative Enterprise. Dordrecht: Foris.
- \_\_\_\_\_. 1982b. Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- \_\_\_\_\_ & Lasnik, H. 1977. "Filters and Control". In: Linguistic Inquiry 8, 425-504.
- Cinque, G. 1981 "On the Theory of Relative Clauses and Markedness". Linguistic Review 1, 247-294.

- Cole, P. & Sadock, J.M. (eds.). 1977. Grammatical Relations. New York: Academic Press.
- Comrie, B. 1976. Aspect. Cambridge, Mass.: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_. 1981. Language Universals and Linguistic Typology. Chicago: University of Chicago Press.
- Culicover, P.W., Wasow, T. & Akmajian, A. (eds.) 1977. Formal Syntax. New York: Academic Press.
- Derbyshire, D. 1979. Hixkaryana. Amsterdam: North-Holland.
- Descartes, R. 1637 (tradução em 1960). Discourse on Method and Meditations. New York: Bobbs-Merrill.
- Dooley, K. 1982. "Options in the Pragmatic Structuring of Guarani Sentences". In: Language 58, 307-331.
- Emonds, J. 1976. A Transformational Approach to English Syntax. New York: Academic Press.
- Everett, D. 1980. Aspectos da Fonologia do Pirahã. Dissertação de mestrado, UNICAMP, inédito.
- \_\_\_\_\_. 1981a. "Tom, Acento e Silabação". In: Anais V do G.E.L.
- \_\_\_\_\_. 1981b. "Alguns Comentários sobre Pares Mínicos". In: Anais VI do G.E.L.
- \_\_\_\_\_. 1982. "Phonetic Rarities in Pirahã". In: Journal of the International Phonetics Association. Dezembro.
- \_\_\_\_\_. A sair. a. "Algumas Implicações Epistemológicas do Desenvolvimento da Teoria da Sintaxe". In: Anais do VI Encontro Nacional de Linguística. Rio de Janeiro: PUC.
- \_\_\_\_\_. A sair. b. "Referência no Pirahã e a Teoria de 'Binding' ". In: Anais do VII Encontro Nacional de Linguística. Rio de Janeiro: PUC.

- \_\_\_\_\_. A sair. c. "Dialogue and the Selection of Data for a Grammar".  
In: Marcelo Dascal (ed.). Dialogue: An Interdisciplinary Approach.  
Amsterdam: John Benjamins.
- \_\_\_\_\_. A sair. d. "Pirahã Grammar". In: Desmond Derbyshire & Geoffrey  
Pullum. Handbook of Amazon Languages.
- \_\_\_\_\_. Em preparação a. "Stress and Tone in Pirahã".
- \_\_\_\_\_. Em preparação b. "Reference Chains, Binding Theory, and Sentence  
Structure in Pirahã".
- \_\_\_\_\_. Em preparação c. "WH - Questions, Relatives, and COMP in Pirahã."
- Everett, K. 1979. "Phonological Prerequisites in Pirahã". inédito.
- \_\_\_\_\_. 1981. "The Semantics of Pirahã Verbal Affixes". inédito.
- Feyerabend, P. 1975. Against Method. London: Verso.
- Fiengo, R. 1980. Surface Structure. Cambridge, Mass.: Harvard University  
Press.
- Fillmore, C. 1968. "The Case for Case". In: E. Bach e R. Harms (eds.)  
Universals in Linguistic Theory. New York: Holt, Rinehart, and Winston,  
pp. 1-90.
- Frantz, D. 1981. Grammatical Relations in Universal Grammar. Bloomington,  
Ind.: Indiana University Linguistics Club.
- Givón, T. 1976. "Topic, Pronoun and Grammatical Agreement". In: Charles Li  
(ed.). Subject and Topic. New York: Academic Press.
- Goldsmith, J. 1976. Autosegmental Phonology. Bloomington, Ind.: Indiana  
University Linguistics Club.

- Greenberg, J.H. 1960. "The General Classification of Central and South  
American Languages," In: A.F.C. Wallace (ed.), Men and Cultures:  
Selected Papers of the Fifth International Congress of Anthropological  
and Ethnological Sciences. Philadelphia: University of Pennsylvania  
Press.
- Grimes, J. 1981. "Synthesis and Feedback in Field Linguistics". 101st  
Meeting: Acoustical Society of America.
- Hale, K. 1981. "On the Position of Walbiri in a Typology of the Base".  
Bloomington, Ind.: Indiana University Linguistics Club.
- Harman, G. 1974. On Noam Chomsky: Critical Essays. Garden City: Anchor  
Press.
- Heinrichs, A. 1964. "Os Fonemas de Mura-Pirahã". In: Boletim do Museu  
Paraense Emílio Goeldi. Vol. 21.
- Heny, F. (ed). 1981. Binding and Filtering. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Higgenbotham, J. 1980. "Pronouns and Bound Variables". In: Linguistic  
Inquiry 11, 679-708.
- Hornstein, N. & D. Lightfoot (eds.). 1981. Explanation in Linguistics.  
London: Longmans.
- Huang, J. 1982. Logical Relations in Chinese and the Theory of Grammar.  
Tese de doutorado, inédita, MIT, Cambridge, Mass.
- Hudson, R. 1976. Arguments for a Non-Transformational Grammar. Chicago:  
University of Chicago Press.
- Jackendoff, R. 1972. Semantic Interpretation in Generative Grammar.  
Cambridge, Mass.: MIT Press.
- \_\_\_\_\_. 1977. X Syntax. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Johnson, D. 1977. "On Relational Constraints on Grammars". In: P. Cole & J.  
Saddock (eds.). Grammatical Relations. New York: Academic Press.

- \_\_\_\_\_, & Postal, P. 1980. Arc-Pair Grammar. Princeton: Princeton University Press.
- \_\_\_\_\_, R. 1975. French Syntax: The Transformational Cycle. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- \_\_\_\_\_. 1981a. "Unambiguous Paths". In: Robert May & Jan Koster. 1981. Levels of Syntactic Representation. Dordrecht: Foris.
- \_\_\_\_\_. 1981b. "ECP Extensions". In: Linguistic Inquiry 12, 93-133.
- \_\_\_\_\_. 1982(?). "Complex Inversion Chains in French". Mimeografado.
- \_\_\_\_\_, E. & B. Comrie. 1977 "Noun Phrase Accessibility and Universal Grammar". Linguistic Inquiry 8, 333-351.
- \_\_\_\_\_, J. 1973. The Formal Theory of Grammar. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- \_\_\_\_\_, H & D. Sportiche. 1982 "Variables and the Bijection Principle". In: The Linguistic Review 2, 139-161.
- \_\_\_\_\_, T. 1962. The Structure of Scientific Revolutions. Chicago: University of Chicago Press.
- \_\_\_\_\_, S. 1978. "Japanese: A Characteristic OV Language". In: W. Lehmann (ed.). Syntactic Typology. Austin: University of Texas Press.
- \_\_\_\_\_, W. 1972. Sociolinguistic Patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- \_\_\_\_\_, I. 1970 (tradução em 1979). "O Falseamento e a Metodologia dos Programas de Pesquisa". In: I. Lakatos & A. Musgrave (eds.). A Crítica e o Desenvolvimento do Conhecimento. São Paulo: Cultrix.
- \_\_\_\_\_, G. 1968. "The Problem of Reference in Transformational Grammar". Bloomington, Ind.: Indiana University Linguistics Club.
- \_\_\_\_\_. 1971. "On Generative Semantics". In: Danny Steinberg & Leon Jakobovits (eds.). Semantics. Cambridge, Mass.: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_. 1977 (?). "Linguistic Gestalts". Mimeografado.
- \_\_\_\_\_, & Johnson, M. 1981. Metaphors We Live By. Chicago: University of Chicago Press.
- \_\_\_\_\_, R.W. 1982. "Space Grammar, Analysability, and the English Passive". In: Language 58, 22-80.
- \_\_\_\_\_, H. 1976. "Remarks on Coreference". In: Linguistic Analysis 2, 1-22.
- \_\_\_\_\_. 1980. "On Two Recent Treatments of Disjoint Reference". In: Linguistic Research 1, 48-58.
- \_\_\_\_\_. 1981. "On Two Recent Treatments of Disjoint Reference". In: The Journal of Linguistic Research 1.4.
- \_\_\_\_\_, & Freiden, R. 1981. "Disjoint Reference and WH-Trace". In: Linguistic Inquiry 12, 39-54.
- \_\_\_\_\_, W. (ed.). 1978. Syntactic Typology. Austin: University of Texas Press.
- \_\_\_\_\_, C. 1980. "Cases of Lexical Complementizers in Guzco Quechua and the Theory of Comp". Journal of Linguistic Research 1, 91-112.
- \_\_\_\_\_, C. (ed.). 1976. Subject and Topic. New York: Academic Press.
- \_\_\_\_\_, K. 1976. An Anatomy of Speech Notions. Lisse: Peter de Ridder Press.
- \_\_\_\_\_, R. 1981. "Movement and Binding". In: Linguistic Inquiry 12, 215-243.
- \_\_\_\_\_. 1982. The Grammar of Quantification. Bloomington, Ind.: Indiana University Linguistics Club.



- & Koster, J. 1981. Levels of Syntactic Representation. Dordrecht: Foris.
- arthy, J. 1979. "On Stress and Syllabification". In: Linguistic Inquiry 10, 443-465.
- awley, J. 1976. Adverbs, Vowels and Other Objects of Wonder. Chicago: University of Chicago Press.
- \_\_\_\_\_. A sair. Thirty Million Theories of Grammar.
- iken, P. 1981. "Quechua Word Structure". In: Frank Heny (ed.). Binding and Filtering. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- i, E. 1946. Morphology. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- lendaju, K. 1948. "The Mura and Pirahã". Bulletin 143, Handbook of South American Indians Vol. 3. Washington: USA Government Printing Office, 255-269.
- ee, B. 1978. Fundamentals of Mathematics for Linguistics. Stamford: Greylock Publishers.
- ival, W. 1976 "On the Applicability of Kuhn's Paradigm to Linguistics". In: Language 52, 285-294.
- mutter, D. & Postal, P. 1977. "Toward a Universal Characterization of Passivization". Berkeley Linguistics Society 3, 394-417.
- \_\_\_\_\_. & Soames, S. 1979. Syntactic Argumentation and the Structure of English. Los Angeles: University of California Press.
- \_\_\_\_\_. K.L. 1948. Tone Languages. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- \_\_\_\_\_. 1949. Phonemics: A Technique for Reducing Language to Writing. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- \_\_\_\_\_. 1976. Class notes. University of Oklahoma, Norman.
- \_\_\_\_\_. & Pike, E. 1977. Grammatical Analysis. Arlington, TX: UTA and SIL.
- Postal, P. 1964. Constituent Structure. Bloomington, Ind.: Indiana University Press.
- \_\_\_\_\_. 1971. Cross-Over Phenomena. New York: Holt, Rinehart, and Winston.
- Pullum, G. & Postal P. 1979. "On an Inadequate Defense of 'Trace Theory' ". In: Linguistic Inquiry 10, 689-706.
- Radford, A. 1981. Transformational Syntax. Cambridge, Mass.: Cambridge University Press.
- Reinhart, T. 1976. The Syntactic Domain of Anaphora. Tese de doutorado, inédita, MIT, Cambridge, Mass.
- \_\_\_\_\_. 1981a. "Definite NP Anaphora and C-Command Domains". In: Linguistic Inquiry 12, 605-635.
- \_\_\_\_\_. 1981b. "Pragmatics and Linguistics: An Analysis of Sentence Topics". Bloomington, Ind.: Indiana University Linguistics Club.
- Rodrigues, I. & Oliveira, A. 1977. "Alguns Aspectos da Ergologia Mura-Pirahã". In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, no. 65.
- Ross, J. 1967 Constraints on Variables in Syntax. Tese de doutorado, inédita, MIT, Cambridge, Mass.
- Safir, K. 1982. "Inflection-Government and Inversion". In: Linguistic Review 1, 417-467.
- Searle, J. 1969. Speech Acts. Cambridge: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_. 1974. Chomsky's Revolution in Linguistics. In: G. Harmon (ed.), On Noam Chomsky: Critical Essays. Garden City: Anchor Press.
- \_\_\_\_\_. A sair. Intentionality. Cambridge: Cambridge University Press.

- don, L. 1977. "Pedagogical Grammar of Pirahã". inédito.
- \_\_\_\_\_, S. 1973. "Pirahã Relationals, a Beginning Attempt". inédito.
- \_\_\_\_\_. 1974. "Some Morphophonemic and Tone Perturbation Rules in Pirahã".  
In: IJAL 40, 279-282.
- \_\_\_\_\_. 1976. "Pirahã Verbal Suffixes". inédito.
- \_\_\_\_\_. 1977. "Murá-Pirahã Verbal Suffixes". inédito.
- \_\_\_\_\_, N. & Wilson, D. 1979. Modern Linguistics: The Results of Chomsky's Revolution. Middlesex: Penguin.

Esta obra possui dois objetivos básicos. Pretende proporcionar uma descrição da gramática da língua pirahã que possa ser utilizada como ponto inicial de futuras pesquisas de outros lingüistas, e fazer uma aplicação da teoria chomskiana à língua pirahã, numa tentativa de mostrar que ela é extremamente prometedora empírica e teoricamente como modelo da capacidade lingüística humana.